UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS

MACIELLY LIMA DO NASCIMENTO

PESSOA QUE DEIXA SUAS CONTAS PENDURADAS: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

SÃO LUÍS
2019

MACIELLY LIMA DO NASCIMENTO

PESSOA QUE DEIXA SUAS CONTAS PENDURADAS: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Curso Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profª. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

SÃO LUÍS
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Nascimento, Macielly Lima do.
"PESSOA QUE DEIXA SUAS CONTAS PENDURADAS" : UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO / Macielly Lima do Nascimento. - 2019.
76 f.

Orientador(a): Georgiana Márcia Oliveira Santos.
Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Francês, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Geolinguística. 2. Mau pagador. 3. Nordeste. 4. Variação lexical. I. Santos, Georgiana Márcia Oliveira. II. Título.

MACIELLY LIMA DO NASCIMENTO

PESSOA QUE DEIXA SUAS CONTAS PENDURADAS: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Curso Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profª. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

Aprovada em 19 / 07 / 2019

Nota 9,66 (nove inteiros e sessenta e seis centésimos.)

Banca Examinadora

Georgiana Márcia Oliveira Santos

Profª. Drª. Georgiana Márcia Oliveira Santos – Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Conceição de Maria de Araújo Ramos

Profª. Drª. Conceição de Maria de Araújo Ramos – Examinadora 1
Universidade Federal do Maranhão

Cibelle Béliche

Profª. Drª. Cibelle Corrêa Béliche Alves – Examinadora 2
Universidade Federal do Maranhão

Ao meu avô, José Ribamar Nunes Lima, minha eterna saudade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e sabedoria, sem Ele nada disso seria possível.

À minha mãe, Célia Maria Veloso, capaz de sonhar os meus sonhos e de ouvir as minhas aflições diárias, sempre me assegurando que tudo ficaria bem.

À minha irmã, Manuelly Jemima Lima do Nascimento, pelo incansável incentivo aos meus estudos e por sempre acreditar em mim.

Ao meu pai, Manoel Souza do Nascimento, e ao meu padrasto, José dos Reis Pires Ferreira, por todo apoio e incentivo.

Ao meu namorado, Sid Alexandre Silva Ribeiro, por ter sido meu companheiro nessa trajetória.

Aos meus familiares: tios, primos e avó, pelo estímulo.

Às irmãs que a universidade me presenteou, Daniela Mirian Ribeiro e Danielle Cunha Rocha, fiéis companheiras de todas as horas, por fazerem os meus dias mais felizes na universidade.

À minha querida orientadora, Profª. Drª. Georgiana Márcia Oliveira Santos, pela competência, apoio, incentivo, compreensão, dedicação e disponibilidade.

A Rafaela Sales, Fernanda Cantanhede, Isadora Figueiredo, Juliana Carolina, Eric Henrique, Flamilla Pinheiro, Thaynná Camila, Allana Araújo e a todos que contribuíram para minha chegada até aqui.

Ao Curso de Estudos de Idiomas – CEI, em especial, à minha coordenadora, Professora Karina Mualem, pessoa a qual eu devo grande parte de tudo que eu aprendi durante esse percurso.

A toda a equipe do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, em especial,a Gabriel Castro Pereira e à Profª. Drª Conceição Ramos, pela contribuição e disposição em nos ajudar.

Ao Comitê do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, por autorizar a realização desta pesquisa.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra.
…
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Com base nos pressupostos teóricos da Dialetologia e da Geolinguística, este estudo objetiva identificar as variantes lexicais para o objeto de estudo da questão 139: *Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas*? — pertencente ao campo semântico Convívio e Comportamento Social do Questionário Semântico- Lexical – QSL do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB — considerando as interseções estabelecidas entre os fatores de natureza diatópica, diagenérica, diageracional e diferentes níveis de escolaridade Nos baseamos, principalmente, nos estudos desenvolvidos por CARDOSO (2010), ARAGÃO (2005), ANTUNES (2012), BIDERMAN (2001), BRANDÃO (1991), COSTA (2016) e VELASCO (2003). Seguindo a metodologia do ALiB, os informantes desta pesquisa são 04 (quatro) mulheres e 04 (quatro) homens das 09 (nove) capitais do Nordeste brasileiro, com Ensino Fundamental e Ensino Superior, distribuídos equitativamente entre as faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos). Quanto aos resultados obtidos, no âmbito da dimensão diatópica, constatamos um total de 20 (vinte) variantes lexicais nas capitais do Nordeste brasileiro para denominar *a pessoa que deixa suas contas penduradas*. Para a análise da influência dos fatores sociais no processo de variação lexical do objeto em estudo nas capitais do Nordeste brasileiro, ou seja, quanto à influência dos fatores diageracional, diagenérico e diastrático (de níveis de escolaridade), consideramos as 02 (duas) lexias com maior percentual de ocorrência, a saber: *velhaco* (35,42%) e *caloteiro* (23,96%). Concluímos que o fator escolaridade foi bastante relevante visto que os informantes do nível fundamental realizaram com mais frequência a lexia *velhaco* enquanto que entre os informantes com nível superior, apesar de registrarem o uso de ambas as formas, houve a predominância da lexia *caloteiro* em grande parte das capitais analisadas. A relevância desta pesquisa consiste nas contribuições que oferecerá às investigações sobre as especificidades do Português brasileiro falado na região do Nordeste, uma vez que a análise das variantes lexicais para a *pessoa que deixa suas contas penduradas* aponta os fatores extralinguísticos que ocasionam a variação lexical desse item e incitará investigações sobre as particularidades geolinguísticas das demais regiões brasileiras.

Palavras-chave: Variação lexical. *Vellhaco*. Geolinguística. Nordeste.

ABSTRACT

Based on the theoretical presuppositions of the Dialectology and Geolinguistics, this study aims to identify lexical variants for the object of study of the questions 139: *What's the name of the person who leave their debts unpaid?* – Which belongs to the semantic field of *Behaviour and Social Living* from ALiB's Semantic and Lexical Questionnaire – QSL. Starting from the intersections stablished between factors of diatopic, diageneric, diagenerational, and educational nature, we based our study mainly on the studies developed by CARDOSO (2010), ARAGÃO (2005), ANTUNES (2012), BIDERMAN (2001), BRANDÃO (1991), COSTA (2016) e VELASCO (2003). We followed ALiB's methodology. The informers of this research are 04 (four) women and 04 (four) men from the 09 (nine) capitals of the northeast region of Brazil, with elementary and higher education equitably distributed in the age groups I (18 to 30) and II (50 to 65). Concerning diatopic dimension, we verified a total of 20 (twenty) lexical variants in the capitals of the northeast of Brazil to name a person who leaves his debts unpaid. To analyze the influence of social factors in the lexical variation process for *bad payer* in the capitals of the northeast of Brazil, in other words, for the analysis of the diageneric, diadirectional, and educational factors, we considered the 02 (two) more recurrent lexical variants from the analyzes corpus, which are: *swindler* and *welsher*. We concluded that the educational factor was very relevant because the informers with elementary education performed the variant *swindler* more often; while the informers with higher education, although both variants were registered in this group, presented prevalence of the variant *welsher* in most of the capitals studied. The relevance of this research consists of the contributions it adds to the investigations into the specificities of the Portuguese spoken in the northeast region. The lexical variants for the person who leave his debts unpaid point out extralinguistic factors, which cause the variation of this item and will foment investigations into the geolinguistic particularities of the other Brazilian regions.

Keywords: Lexical variation. Rogue. Geolinguistics. Northeast

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E ABREVIATURAS

FIGURAS

Figura 01: História dos estudos dialetais no Brasil – periodização.....20
Figura 02: Rede de Pontos – Região Nordeste.....31
Figura 03: Legenda de fatores extralinguísticos.....45

TABELAS

Tabela 01: Principais estudiosos e trabalhos das capitais nordestinas. 23
Tabela 02: Os três momentos significativos para a aplicação da Geolinguística no Brasil, ...25
Tabela 03: Perfil dos informantes 32
Tabela 04: Quantidade e percentual das lexias obtidas nas capitais do Nordeste ...36

ABREVIATURAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
AL	Alagoas
BA	Bahia
CE	Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MA	Maranhão
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PI	Piauí
RN	Rio Grande do Norte
SE	Sergipe

LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS

Carta Linguística 01: Carta Linguística demonstração.....34
Carta Linguística 02: Variantes lexicais usadas na região Nordeste para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*.....35
Carta Linguística 03: Variantes lexicais usadas em São Luís para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 38
Carta Linguística 04: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 39
Carta Linguística 05: Variantes lexicais usadas em Fortaleza para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*.....40
Carta Linguística 06: Variantes lexicais usadas em Aracaju para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 40
Carta Linguística 07: Variantes lexicais usadas em Salvador para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 41
Carta Linguística 08: Variantes lexicais usadas em Maceió para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 42
Carta Linguística 10: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 43
Carta Linguística 09: Variantes lexicais usadas em João Pessoa a *para a pessoa que deixa suas contas penduradas*.....43
Carta Linguística 11: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 44
Carta Linguística 12: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 46
Carta Linguística 13: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 47
Carta Linguística 14: Variantes lexicais usadas em João Pessoa para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*.....48
Carta Linguística 15: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 49
Carta Linguística 16: Variantes lexicais usadas em Fortaleza para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*.....50
Carta Linguística 17: Variantes lexicais usadas em Maceió para a pessoa que deixa suas contas penduradas 51
Carta Linguística 18: Variantes lexicais usadas em Aracaju para a pessoa que deixa suas contas penduradas 52
Carta Linguística 19: Variantes lexicais usadas em São Luís para a pessoa que deixa suas contas penduradas 53
Carta Linguística 20: Variantes lexicais usadas em Salvador para a pessoa que deixa suas contas penduradas 53
Carta Linguística 21: Distribuição diagenérica das lexias velhaco e caloteiro na região Nordeste.....54

Carta Linguística 22: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 55
Carta Linguística 23: Variantes lexicais usadas em João Pessoa para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*.....56
Carta Linguística 24: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 57
Carta Linguística 25: Variantes lexicais usadas em Fortaleza para a pessoa que deixa *suas contas penduradas*.....58
Carta Linguística 26: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 59
Carta Linguística 27: Variantes lexicais usadas em Maceió *para a pessoa que deixa suas contas penduradas* 60
Carta Linguística 28: Variantes lexicais usadas em Aracaju para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 61
Carta Linguística 29: Variantes lexicais usadas em São Luís para a pessoa que deixa suas contas penduradas 62
Carta Linguística 30: Variantes lexicais usadas em Salvador para a pessoa que deixa suas contas penduradas 62
Carta Linguística 31: Distribuição diageracional das lexias velhaco e caloteiro na região Nordeste.....63
Carta Linguística 32: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 64
Carta Linguística 33: Variantes lexicais usadas em João Pessoa para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*.....65
Carta Linguística 34: Variantes lexicais usadas em Fortaleza *para a pessoa que deixa suas contas penduradas*.....66
Carta Linguística 35: Variantes lexicais usadas em Aracaju para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 67
Carta Linguística 36: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 68
Carta Linguística 37: Variantes lexicais usadas em Maceió para a pessoa que deixa suas contas penduradas 69
Carta Linguística 38: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que deixa suas contas penduradas* 70
Carta Linguística 39: Variantes lexicais usadas em São Luís para a pessoa que deixa suas contas penduradas 71
Carta Linguística 40: Variantes lexicais usadas em Salvador para a pessoa que deixa suas contas penduradas 71
Carta Linguística 41: Distribuição por escolaridade das lexias *velhaco* e *caloteiro* na região Nordeste.....72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 17
2.1 Língua e dialeto 17
2.2 O léxico: uma representação do universo cultural da sociedade 17
2.3 Dialetologia 19
2.3.1 Origens, definição e avanços 19
2.3.2 A Dialetologia no Brasil 20
2.3.3 Os estudos dialetais no Nordeste brasileiro 22
2.4 A Geolinguística no Brasil 24
3 METODOLOGIA 27
3.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil: breves considerações 27
3.2 Coleta, tratamento e análise do *corpus* 29
3.2.1 O instrumento para coleta dos dados 29
3.2.2 Rede de pontos de inquérito 30
3.2.3 Perfil dos Informantes 31
3.2.4 Tratamento dos dados 32
3.2.4.1 *Frequência e distribuição das variantes* 33
3.2.4.2 *Audição dos inquéritos* 33
3.2.4.3 *Cartografia de dados* 33
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: 34
4.1 Fator Diatópico 34
4.2 Fatores sociais 44
4.2.1 Fator diagenérico 46
4.2.2 Fator diageracional 55
4.2.3 Fator escolaridade 64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 74
REFERÊNCIAS 76

1 INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa, no Brasil, como instrumento vivo e social de comunicação, não se restringe somente a um repertório linguístico, visto que a indiscutível variedade linguística brasileira resulta da pluralidade geográfica e sociocultural do país, ou seja, da diversidade de identidades de seus falantes.

Nesse sentido, o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB é um empreendimento de natureza nacional, com ênfase na perspectiva Dialetológica, que tem por objetivo principal a produção de um atlas linguístico que dê conta de demarcar as especificidades do português brasileiro frente a outras variedades da língua portuguesa no mundo.

Com o propósito de contribuirmos para que se cumpram os objetivos do ALiB e, consequentemente, para a percepção da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, com múltiplas normas de uso, porém, dotado de uma unidade sistêmica, este estudo objetiva identificar as variantes lexicais para *mau pagador* nas capitais do Nordeste brasileiro, com base nos dados coletados pelo ALiB, a partir da investigação dos fatores extralinguísticos que geram essa variação.

Outro ponto que justifica nossa pesquisa é o fato de que a questão 139 do Questionário Semântico Lexical – QSL do ALiB, que objetiva identificar as denominações usadas para a pessoa que deixa as suas contas penduradas, ficou sob responsabilidade da equipe do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA para revisão de dados e produção de cartas linguísticas.

Para tanto, se fundamenta nos referenciais da Dialetologia e, em especial, da Geolinguística enquanto suporte teórico e metodológico de observação dos dados analisados.

Como a presente pesquisa está vinculada aos estudos que vêm sendo realizados sobre as especificidades do Português do Brasil pelo ALiB, torna-se relevante, portanto, devido à contribuição que objetiva oferecer às investigações do Português falado nas capitais do Nordeste do Brasil, uma vez que o estudo das variantes lexicais de *mau pagador* nos apresenta informações e aguça curiosidades acerca das particularidades socioculturais das regiões brasileiras.

O trabalho está constituído por cinco capítulos: a Introdução compõe o capítulo um. No capítulo dois apresentamos os pressupostos teóricos que

fundamentam esta pesquisa, assim, iniciamos com algumas considerações sobre língua e dialeto, sobre a importância do léxico na representação do universo cultural da sociedade, e mais amplamente, apresentamos informações sobre a Dialetologia e a Geolinguística, em especial, no Brasil.

No capítulo três, descrevemos os caminhos metodológicos adotados para a produção deste trabalho, para tanto, apresentamos uma síntese sobre o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o perfil dos informantes, a coleta, o tratamento e a análise dos dados.

O capítulo quatro apresenta a análise geolinguística das variantes lexicais do Nordestinas para *mau pagador*.

No capítulo cinco, estão as considerações finais do trabalho nas quais fazemos uma retomada dos objetivos traçados e dos resultados alcançados.

.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos as concepções teóricas que fundamentaram o registro e a análise da variedade linguística para *mau pagador* no Nordeste do Brasil.

2.1 Língua e dialeto

Para compreendermos a Geolinguística ou a Geografia Linguística, há necessidade de entendermos os conceitos de língua e dialeto. Alvar (1968, p. 30 apud Brandão 1991, p.12), afirma que a

> língua é o sistema linguístico de que se utiliza uma comunidade falante e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelação, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas linguísticos de sua própria origem.(ALVAR 1968, p. 30 apud BRANDÃO 1991, p.12),

Brandão (1991) explica que a língua é caracterizada por possuir alto grau de nivelação, enquanto o dialeto refere-se ao "sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum". Desse modo, está ligado a uma unidade sistêmica mais restrita geograficamente, porém, com menos diferenciação se comparado à língua.

Segundo Brandão (1991, p. 14),

> Nota-se, no entanto, forte tendência a empregar-se o termo "dialeto" em sentido mais amplo, ou seja, o de considerar-se dialeto como sendo qualquer variedade linguística- quer de natureza geográfica, quer de cunho social – que constitua um subsistema singular, unitário. Isso significa que se pode denominar de "dialetos" tanto a variedade falada numa região do país quanto as usadas por cada um dos segmentos que constituem a população que ali vive, desde que se determinem os traços que as particularizam. (BRANDÃO, 1991, p. 14)

Nessa perspectiva, o termo dialeto não está tão somente circunscrito às particularidades linguísticas de um dado espaço geográfico, mas, passa a ser concebido numa relação com as variedades sociais dos grupos situados nesse espaço, isto é, é a variedade linguística de uma dada região constituída pelos fatores sociais que definem os falantes dessa região.

2.2 O léxico: uma representação do universo cultural da sociedade

Conforme Antunes (2012, p. 27), o léxico de uma língua pode ser considerado um repertório linguístico disponível a um falante ou a um grupo de falantes, utilizado em suas interações sociais.

Biderman (2001, p. 14) considera o léxico como um “patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. Isto é, associa o léxico à história e à cultura de determinada comunidade, compreendendo o léxico como uma espécie de marca identitária de grande importância de um povo. Seguindo essa linha, Antunes (2012, p. 28) define o léxico como uma “memória representativa”:

> Se o léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de “memória representativa” das ‘matrizes cognitivas’ construídas, também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constante, que vai se reformulando passo a passo, assim as manifestações culturais que ele expressa. Não podia ser diferente. Basta considerarmos a inexorável instabilidade de que é dotado o mundo. Tudo muda; tudo está em processo de definição e de redefinição; até mesmo as concepções que temos das coisas. (ANTUNES, 2012, p. 28)

Tal fenômeno ocorre devido ao léxico ser o nível linguístico que mais está apto às variações e mudanças, uma vez que tudo no mundo está em processo de “definição” e “redefinição”. Sendo assim, com amplo volume lexical de dados, torna-se impossível o registro de todas as lexias de uma língua.

Dubois (2006, p.363-364) conceitua o léxico como o

> conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor etc. Por essa razão, o léxico entra em diversos sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual é considerado o conceito.(DUBOIS, 2006, p.363-364)

Já Velasco (2003, p.155) afirma “que o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”.

Portanto podemos afirmar que o léxico é uma importante ferramenta de representação de como uma determinada comunidade vê o mundo, isto é, uma espécie de “espelho” do universo cultural da sociedade. Assim, é o nível linguístico que mais comprova a influência de fatores extralinguísticos e culturais nos usos da língua.

Diante disso, podemos considerar as palavras como escolhas realizadas pelos falantes em uma situação comunicacional, relacionadas às suas escolhas linguísticas e sociocomunicacionais, podem, assim, serem influenciadas pelo contexto em que o falante se encontra. Por isso, em uma mesma localidade, podemos

encontrar variações lexicais que são influenciadas, muitas vezes, pelo contexto social que o falante está inserido.

2.3 Dialetologia

2.3.1 Origens, definição e avanços

Considerando a variação linguística de natureza diatópica, Brandão (1991, p. 07) afirma que

> A consciência dessa variação não é recente. Já os gregos- de quem proveio a noção de dialeto- distinguiam quatro variantes regionais de sua língua- o eólico, jônico, o dórico e o ático. E, a partir do século IV a.C., adotaram, com base neste último, a *koinédialektos*, ou "língua comum", como meio de intercomunicação. Também entre os romanos- cuja sociedade era extremamente estratificada- encontram-se menções à variabilidade de natureza social. A linguagem corrente- como testemunham alguns escritos latinos- recebia subclassificações como *sermourbanus, sermoplebeius, sermorusticus.* (BRANDÃO,1991, p. 07)

Segundo essa mesma autora, os estudos, especificamente, sobre as variações de natureza geográfica concretizaram-se, de fato, somente no século XIX, período em que os estudos na área da linguagem cresceram e se iniciaram as investigações por meio de métodos histórico-comparativos.

Esses estudos comparativistas tinham o objetivo de restabelecer a protolíngua indo-europeia, partindo do método de comparação de famílias e subfamílias das línguas em estudo. Após os resultados coletados, os dialetos se tornaram fontes de grande interesse, uma vez que foram considerados importantes para o conhecimento de transformações linguísticas.

Segundo o *Dicionário de Linguística* de Dubois (2004 [1978], p. 185), o termo Dialetologia refere-se à disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diversos sistemas ou dialetos que diferem os usos de uma língua no espaço e de estabelecer-lhe os limites.

Cardoso (2016, p.15) define Dialetologia como "um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica".

Conforme Cardoso (2016, p.15), a Dialetologia visa "(i) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de

línguas, fatos característicos; (ii) qualificar, do ponto de vista social, as ocorrências registradas e (iii) examiná-las na perspectiva do tempo que estão submetidas".

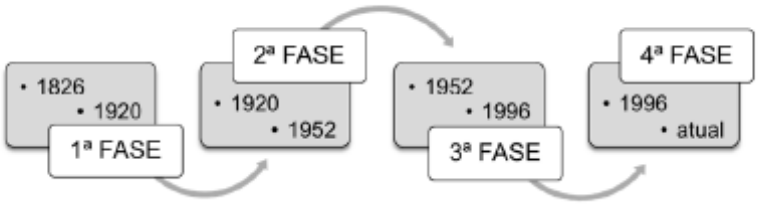
Dessa maneira, a autora reafirma a concepção de que a Dialetologia analisa a diversidade linguística na perspectiva do entrecruzamento do plano espacial com as dimensões sociais dos falantes

Com o surgimento de diversas teorias, nasceram também polêmicas que motivaram novas pesquisas dialetais. Na França, a Dialetologia chegou a fazer parte do currículo regular da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris. Em 1897, Jules Gilliéron, com a ajuda de Gaston Paris, iniciou a elaboração do Atlas Linguístico da França- ALF que visava apresentar a realidade dialetal da França e se tornou obra marcante para a evolução dos estudos na área da linguagem e para a constituição do avanço dos estudos dialetológicos.

2.3.2 A Dialetologia no Brasil

Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que os estudos dialetais no Brasil estão divididos em quatro fases:

Figura 01: História dos estudos dialetais no Brasil – periodização



Fonte: RIBEIRO (2012, p. 56)

No Brasil, os trabalhos da área começaram a surgir após o estudo de Visconde de Pedra Branca, em 1826, a serviço de Adrien Balbi, que descreveu particularidades sobre do português brasileiro, visando contribuir para a construção do Atlas *Ethnographique du Globe* (1924-1925).

Alencar (2011) afirma que o início dos estudos pertencentes ao campo da Dialetologia no Brasil não teve uma data precisa, porém, Antenor Nascentes, postulador das fases dos estudos dialetológicos, situa o início da primeira fase nos anos de 1826 a 1920, que ficou conhecida pelos estudos de dicionários, vocabulários e glossários.

A segunda fase foi marcada por importantes publicações como *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920,*O linguajar carioc*a, de Antenor Nascente, em 1922, e *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim, em 1934, persistindo até 1952. Apesar do avanço dos trabalhos lexicográficos, na época, grandes eram os números de trabalhos nas áreas gramaticais. Amaral deu ênfase a essa fase, postulando técnicas de pesquisa e metodologia de abordagem que ressaltaram a nossa realidade linguística. Ainda na segunda fase, elaboraram-se estudos que foram divididos em quatro grupos distintos: glossários de caráter regional; obras que seguiam uma perceptiva mais ampla sobre o Português Brasileiro; pesquisas monográficas regionais que registravam particularidades de determinadas regiões; e trabalhos que retratavam a contribuição africana para a língua portuguesa.

A terceira fase se desenvolve com base na determinação do governo brasileiro para que a Comissão de Filologia Rui Barbosa priorizasse a elaboração do atlas linguístico nacional, a partir o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952. Conforme Mota e Cardoso (2006, p. 19), nessa fase,

> não só se sedimenta a mentalidade dialectológica preconizada por Serafim da Silva Neto no seu Guia para estudos dialectológicos no Brasil (1957), mas, também, se dá início aos trabalhos de natureza geolinguística, com as pesquisas para o Atlas Prévio dos Falares Baianos e com a sua publicação em 1963. A esse primeiro atlas, seguem-se-lhe outros de caráter regional o que consolida, na opinião das autoras [Ferreira e Cardoso] uma terceira fase, cuja ênfase está no desenvolvimento dos estudos geolinguísticos. (MOTA E CARDOSO, 2006, p. 19)

Mota e Cardoso (2006, p. 20-21) sugerem, ainda, uma quarta fase para a Dialetologia no Brasil, considerando o início da elaboração do projeto ALiB, em 1996[1].

As autoras apresentam como justificativas:

> i) o crescimento de pesquisas nessa área, em sua maioria, direta ou indiretamente, relacionadas ao projeto ALiB; ii) as discussões acerca de questões metodológicas nas reuniões nacionais do Comitê Nacional9 de coordenação do projeto ALiB e nos workshops nacionais organizados pelo projeto; iii) o aumento do número de atlas regionais e início de outros projetos de atlas regionais (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 20-21).

Aragão (2005) afirma que a Dialetologia no Brasil encarou muitas dificuldades, no que diz respeito aos recursos para subsídio das pesquisas, ao

[1]No *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, ocorrido em Salvador- BA, foi elaborado um Comitê Nacional do Projeto ALiB, constituído por grandes estudiosos da área.

interesse das instituições e à falta de qualificação dos pesquisadores, mas mantém-se em evolução.

> A Dialetologia no Brasil, apesar das dificuldades que sempre passou, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado, da falta de interesse das instituições e da consequente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos. (ARAGÃO, 2005, p.01)

Portanto, mesmo com as dificuldades apresentadas pelos estudos dialetais no Brasil, notou-se evolução significativa em relação aos aspectos não só quantitativos, mas também qualitativos. Vale enfatizarmos que nos estudos, houve também a inclusão de fatores extralinguísticos.

2.3.3 Os estudos dialetais no Nordeste brasileiro

Aragão (2005) enfatiza que os estudos dialetais na região do Nordeste, até o início dos anos setenta, eram raros e a maior parte era elaborada sem objetivos definidos e metodologia apropriada.

> Muitos trabalhos, além de imprecisos quanto à delimitação do *corpus,* apresentam problemas metodológicos relativos à própria análise do material coletado. Na maioria deles, são considerados apenas alguns níveis de análise. E esta não é exaustiva em cada um dos aspectos sob os quais poderia ser levada a efeito. (ARAGÃO, 2005, p.02)

Segundo Aragão (2005), esses trabalhos iniciais centravam-se mais no estudo diacrônico, focalizando apenas nos aspectos fonéticos da língua, na mudança do significado das palavras sofridas ao longo da evolução de cada região ou nas palavras que mantinham o seu significado inalterado. Contudo, afirma que não podemos considerar que todos os trabalhos realizados na região Nordeste falharam por falta de maior rigor científico, uma vez que, existiam alguns trabalhos que estavam bem delimitados e abrangiam, também, aspectos sociolinguísticos e etnolinguísticos.

> Um levantamento por nós realizado, para a publicação de dados sobre trabalhos nas áreas de Dialetologia, Sociolinguística e Etnolinguística no Brasil, entre os anos 60 e 80, mostrou que num total de 550 trabalhos, cerca de 35%, foram feitos no Nordeste ou sobre Falares Nordestinos.(ARAGÃO, 2005, p. 02).

A autora ressalta ainda que outro grande problema relacionado aos trabalhos do Nordeste foi a pouca divulgação, pois os trabalhos, na maioria das vezes, só eram conhecidos na própria instituição onde eram elaborados e não passavam ao menos pelas outras instituições do mesmo estado.

Com a obrigatoriedade da disciplina Linguística nos cursos de Letras e, com a implementação de cursos de pós-graduação em Linguística, o Nordeste conseguiu reverter esse quadro crítico, no que diz respeito aos estudos dialetais.

A maior parte dos estudos dialetológicos produzidos no Brasil, envolvem os noves estados do Nordeste. Conforme a mesma autora, tais estudos estão voltados aos assuntos como arcaísmo, atitudes linguísticas, coordenação e regência, dialetos sociais, empréstimos, variação linguística, verbos, vocabulários, glossários, termos da língua falada e escrita, de modo que todos os temas são voltados à Dialetologia. Assim, alguns trabalhos no Brasil são marcados pelo estado a qual pertence. Aragão (2005) cita os principais trabalhos e estudiosos das capitais do Nordeste:

Tabela 01: Principais estudiosos e trabalhos das capitais nordestinas.

ESTADOS	PRINCIPAIS NOMES
Bahia	No estado da Bahia, os trabalhos do Prof. Nelson Rossi e de toda sua equipe, resultou na publicação do *Atlas Prévio dos Falares Bahianos.*
Sergipe	Os trabalhos de Sergipe são marcados pelo mesmo grupo formado pelo Prof. Nelson Rossi. No estado, as professoras que obtiveram maior destaque foram: Nadja Andrade, Carlota Ferreira, Vera Rollemberg, Jacyra Mota e Suzana Cardoso.
Alagoas	Os estudos dialetais em Alagoas foram muito bem representados por Mário Marroquim na obra: *A Língua do Nordeste.*
Pernambuco	O estado tem a obra de um dos pioneiros dos estudos lexicais regionais nordestinos, Pereira da Costa, que publica a obra: *Vocabulário Pernambucano.* Outro nome de destaque é o Mário Souto Maior, com seus Dic*ionários E Vocabulários populares,* que contribuem grandemente para os estudos regionais da época.
Paraíba	Temos o professor Leon Clerot, com seu estudo "*Vocabulário de Termos populares e Gíria da Paraíba"*, e Hugo Moura e Horácio Almeida, que publicam estudos importantes sobre o léxico da Paraíba.
Rio Grande do Norte	No Rio Grande do Norte, destaca-se Luiz da Câmara Cascudo, apesar de não ser considerado linguista, publica uma série de trabalhos sobre linguagem popular da região.
Ceará	Destacam-se Tomé Cabral, com seu "*Dicionário de Termos e expressões populares",* Raimundo Girão, com "*Vocabular Cearense*" e Florival Serraine, com diversos trabalhos sobre a linguagem regional.
Maranhão	No Maranhão temos o Prof. Ramiro Correa, que faz um estudo sócio e etnoguistica do falar maranhense.
Piauí	Conforme a autora não se tem informações sobre pesquisadores mais antigos da área.

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

2.4 A Geolinguística no Brasil

Na medida em que os estudos dialetais foram tomando forma, necessitou-se pensar em um método capaz de investigar os dados coletados nas pesquisas realizadas. Chambers e Trudgill (1994, p. 37) [2] afirmam que "a consequência foi o desenvolvimento da geografia linguística, uma metodologia ou - mais exatamente - um conjunto de métodos para coletar de forma sistemática os testemunhos de diferenças dialetais."

Portanto, a Geolinguística é um método procedente da Dialetologia, que se sustenta, a princípio, nos atlas linguísticos nacionais e regionais. Mota e Cardoso (2006, p. 21-23) afirmam que a investigação da Geolinguística segue duas perspectivas: a monodimensional e a pluridimensional. O viés monodimensional é a perspectiva inicial utilizada para a realização dos primeiros atlas linguísticos, havendo, portanto, predominância de um viés monoestrático, monogeracional, monofásico, que revelavam uma visão homogênea da língua.

Já a Geolinguística pluridimensional analisa os dados linguísticos coletados, levando em consideração os fatores extralinguísticos, ou seja, relaciona e compara os fatores linguísticos aos fatores sociais. Dessa maneira, adota uma perspectiva pluridimensional, averiguando não somente a distribuição diatópica, mas também as distribuições sociais, tais como, as variações diastráticas, diagenéricas, diageracionais, entre outras.

Segundo D'Anunciação (2016), o registro da variação linguística de diferentes regiões é essencial para conhecermos a língua portuguesa de uso atual no Brasil e , nessa perspectiva, considera as ideias de Rossi:

> o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área. (ROSSI 1967, p.104 apud D'ANUNCIAÇÃO, 2016, p. 27).

A autora ainda ressalta a importância de se analisar a variação espacial, assim como a variação social, uma vez que os fatores regionais e sociais interferem na variação linguística dos dialetos, e podem determinar as características de uma

[2] La consecuencia fue el desarrollo de la geografía linguística, una metodología o – más exactamente – un conjunto de métodos para recopilar de un modo sistemático los testimonios de las diferencias dialectales." (1994. p. 37) .

língua. Conforme D'Anunciação (2016, p. 28), a Geolinguística pluridimensional vem se fundamentando em duas linhas:

> a primeira é a ciência que autodescreve os dialetos cabendo a sua tarefa acumular os projetos mais semelhantes e, em segundo lugar, uma tendência persistente para enriquecer a geolinguística monodimensional, com metodologia de modelo variacional, considerando novas possibilidades para o levantamento dados.

Quanto à situação da Geolinguística na atualidade, Cardoso (2002, p. 14) afirma:

> Creio que a Geolinguística hoje, neste final de milênio, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tornando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados reais.

Quanto à construção do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, Cardoso ressalta que, no início, Antenor Nascentes aconselhou a elaboração por partes:

> Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, pais vasto e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto. (NASCENTES, 1958, p. 7 apud CARDOSO 2011, p.143)

Desse modo, optou-se por iniciar a elaboração do ALiB, partindo-se dos atlas regionais.Ferreira (1995) resume essa trajetória em três momentos marcantes (apud CARDOSO, 2011, p. 143):

Tabela 02: Os três momentos significativos para a aplicação da Geolinguística no Brasil, estabelecidos por Ferreira (1995, p. 256).

1º momento: 1952	O Centro de Pesquisa Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, estabeleceu a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.
2º momento: 1957	No III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Lisboa, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha, grandes estudiosos da linguagem, afirmam que é *impraticável* a elaboração de Atlas Linguístico no Brasil, por conta da extensão territorial do país e apoiam a elaboração dos atlas linguísticos regionais, isto é, defendem sua relevância para os estudos do português falado do Brasil.
3º momento: 1958	Antenor Nascentes, membro da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, publica as *Bases para a elaboração do Atlas* Linguístico do Brasil, mas reconhece que se trata de um trabalho complexo e segue o princípio de que sejam realizados atlas por região.

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Após a expansão desse método de investigação, a área de estudos da geografia linguística cresceu significativamente, e assim abrangeu fatores

diagenéricos, diafásicos, diastrático e diageracionais, gerando o que se tem denominado de Geossociolinguística que nada mais é do que o estudo da distribuição da fala no espaço levando em consideração os fatores sociais.

Em síntese, a Geolinguística ou Geografia Linguística pode ser definida como:

> o método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondentes à língua, aos dialetos ou aos falares estudados. (COSERIU apud RODRIGUES, 2015, p. 37)

Diante disso, podemos concluir que a Geolinguística no Brasil,apesar de ter enfrentado grandes dificuldades em seu processo de implantação, conseguiu se manter e evoluir e, atualmente, pode ser considerada método indispensável para os estudos dialetológicos no país.

3 METODOLOGIA

Este tópico visa descrever os caminhos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. O presente estudo, de natureza geolinguística pluridimensional, concretizou-se com base em diversas etapas importantes para seu desenvolvimento, a saber: *o corpus* da pesquisa, o perfil dos informantes e das localidades, o questionário utilizado e as orientações seguidas para a análise dos dados.

3.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil: breves considerações

Cardoso (2010, p. 167) considera o ALiB como um amplo empreendimento, que visa a construção de um atlas linguístico nacional que descreva a realidade linguística do Português falado no Brasil. Em 1996, a partir da determinação de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, os estudos dialetais no Brasil começaram a consolidar as propostas almejadas desde 1952.

Em novembro de 1996, aconteceu o “Seminário Caminhos e perspectivas para a Geolinguística”, na Universidade Federal da Bahia, o evento que contou com a presença dos maiores pesquisadores da Dialetologia do Brasil. Na ocasião, estabeleceu-se a elaboração de um atlas linguístico nacional, havendo ainda a formulação da sua metodologia e de seus objetivos.

Cardoso (2010, p. 169) menciona que os objetivos do projeto se fundamentam nos princípios gerais da Geolinguística, e, desse modo, também levam em consideração as questões sociais. São eles:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do

ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, consequentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Segundo Cardoso (2010, p. 170), o Projeto Atlas Linguístico Brasileiro possui ainda outros quatro grandes objetivos:

(i) A descrição da realidade espacial e, consequentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas;
(ii) O fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna;
(iii) A indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguístico e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado;

(iv) Por fim, mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Essa pesquisadora declara que foi com base nesses objetivos que foram constituídos os métodos do ALiB:

> a estrutura organizacional do projeto, a rede pontos, o perfil dos informantes, os questionários linguísticos, a realização de inquéritos linguísticos experimentais, a formação de inquiridores e as reuniões nacionais de coordenações. (CARDOSO, 2011, p. 171).

Quanto à rede de pontos, foram selecionadas 250 localidades, distribuídas em todo o país, após a análise da extensão de cada região, de seus aspectos históricos, culturais, da natureza, entre outros.

3.2 Coleta, tratamento e análise do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído pelas respostas dadas à pergunta 139: "*Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?",* pertencente ao campo semântico *Comportamento e convívio social*, do Questionário Semântico-Lexical - QSL) do ALiB.

A pergunta foi elaborada com o objetivo de favorecer o registro das variantes lexicais usadas pelos brasileiros para *mau pagador.*

Para termos acesso aos dados que subsidiam este trabalho, a coordenação geral do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA solicitou autorização junto à coordenação geral do ALiB. Essa autorização foi oficializada mediante a assinatura de um termo de compromisso.

3.2.1 O instrumento para coleta dos dados

O Projeto ALiB tem como recurso para a coleta de dados um conjunto de questionários que abarcam os diversos níveis de análise linguística: o Questionário Fonetico-Fonológico (QFF), com 159 perguntas, o Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas e, por último, o Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas. O QSL é organizado em quatorze campos semânticos: *Acidentes*

geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempo, Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Ciclos da vida, Convívio e Comportamento Social, Religião e Crenças, Jogos e Diversões infantis, Habitação, Alimentação e cozinha, Vestuário e Acessórios e *Vida Urbana.*

Neste estudo, utilizamos somente a questão 139 do campo semântico *Convívio e Comportamento Social do QS*L: *"Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?"*.

Para que fosse possível a realização de uma investigação profunda sobre a variação lexical desse item, durante os inquéritos, os informantes foram instigados a fornecer o maior número de lexias possível. Além dos questionários, o ALiB utilizou fichas para o registro dos dados pessoais dos informantes e para a averiguação dos dados socioeconômicos.

3.2.2 Rede de pontos de inquérito

Para este trabalho, foram utilizados dados de informantes das 09 (nove) capitais da região Nordeste: Fortaleza, Natal, Teresina, São Luís, Recife, João Pessoa, Maceió, Aracaju e Salvador.

Segundo Costa (2016, p. 103), é oportuno enfatizarmos que o Nordeste é considerado a região mais populosa do Brasil, com cerca de 53.081.950 de habitantes, que representa 27,8% do povo brasileiro. É a região com o maior conjunto de estados: (09) nove estados brasileiros e a segunda mais populosa do Brasil, ficando somente atrás da região Sudeste (IBGE, 2010).

A região geográfica é caracterizada pelas altas temperaturas e pelos 3.338 km em extensão litorânea. Divide-se em outras cinco sub-regiões: meio, norte, sertão, agreste e zona da mata.

Costa (2016, p. 103) ressalta que o Nordeste possui um quadro social bastante delicado. Mesmo com as melhorias apresentadas nos últimos anos, essa é a região com os maiores problemas socioeconômicos do país: altas taxas de mortalidade infantil, desemprego e o analfabetismo. Quanto à importância da região Nordeste para o país, partindo das ideias de Bóris Fausto (2008, p. 76), a autora afirma que

> O Nordeste representou o primeiro centro de colonização e urbanização do Brasil, e até meados do século XVIII, a Região nordestina, que era conhecida

> como “norte”, concentrou as atividades econômicas e a vida social mais significativa da colônia. Nesse período, a Região Sul era uma área menos urbanizada e periférica. (COSTA, 2016, P. 103)

Considerando os aspectos sociais do Nordeste brasileiro, segundo Costa (2016, p.103), os números do IBGE do ano de 2010 confirmam um percentual maior de pessoas pardas e negras nas regiões Norte e Nordeste. Relacionado aos dados censitários do IBGE, no que diz respeito à religião dos nordestinos, o catolicismo tem um percentual de 72% adeptos, as religiões evangélicas com 28,5%, a espírita com 0,8%, a umbanda e o candomblé, com 0,2% e os que se consideram sem religião formam 8,3% da população.

Figura 02: Rede de Pontos – Região Nordeste

Fonte: CARDOSO, S. et alii. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014

É oportuno enfatizarmos que os pontos de inquérito da região Nordeste são representados pelos seguintes números: Maceió (77), Teresina (34), João Pessoa (61), Recife (70), Fortaleza (41), Aracaju (79), Natal (53), São Luís (26) e Salvador (93).

3.2.3 Perfil dos Informantes

Com o propósito do Projeto ALiB de reconhecer a realidade linguístico-social do país, dado o aporte na Geolinguística Pluridimensional, além dos informantes serem naturais das capitais nordestinas, o Comitê Nacional levou em consideração as seguintes características dos informantes. Conforme Cardoso (2010, p.172):

- No que tange ao fator idade, os informantes pertencem a duas faixas etárias, a faixa etária I (de 18 a 30 anos) e a faixa etária II (de 50 a 65 anos);
- Considerando a variável sexo, os informantes são do sexo masculino e do sexo feminino;
- Em relação à escolaridade, os informantes devem ser alfabetizados, tendo concluído, no máximo até a sétima série, ou estarem cursando a 8ª série do ensino fundamental. Nas capitais, inclui-se ainda, informantes com nível superior.

A partir da tabela abaixo podemos visualizar tal divisão:

Tabela 03: Perfil dos informantes

Nº do informante	Nível de escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Superior	I (18-30 anos)	Masculino
06	Superior	I (18-30 anos)	Feminino
07	Superior	II (50-65 anos)	Masculino
08	Superior	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Elaborada pela autora.

3.2.4 Tratamento dos Dados

Abaixo se encontram as principais etapas realizadas para o tratamento dos dados linguísticos que fundamentam este estudo.

3.2.4.1 Frequência e distribuição das variantes

Nessa etapa do tratamento dos dados, fizemos o levantamento, a distribuição e verificação das ocorrências das variantes realizadas pelos informantes selecionados, descrevendo-as em tabelas separadas por: a) o nome da capital;b) número da localidade; c) informantes; d) sexo; e) escolaridade; f) faixa etária; e g) respostas obtidas para a questão de número 139 do QSL.

3.2.4.2 *Audição dos inquéritos*

Primeiramente, revisamos as transcrições grafemáticas dessa questão, cedidas pelo Comitê ALiB, com base nos áudios originais das entrevistas realizadas nas nove capitais do Nordeste.

3.2.4.3 *Cartografia de dados*

Os dados semântico-lexicais analisados são apresentados em cartas linguísticas que evidenciam, além das variantes lexicais encontradas no Nordeste brasileiro para *mau pagador*, as influências das dimensões diatópicas, diageracionais, diagenéricas e de escolaridade nessa variação.

Para tanto, foram produzidas 40 (quarenta) cartas linguísticas: a) 01(uma) carta linguística geral, contendo as variantes lexicais de maior recorrência nas nove capitais nordestinas; b) 09 (nove) cartas linguísticas regionais, abrangendo as variantes encontradas em cada capital nordestina; c) e mais 30 (trinta) cartas para a análise dos fatores sociais elencados para a realização do *corpus* desta pesquisa: idade, sexo e escolaridade.

É importante ressaltarmos que não levamos em consideração o percentual das respostas não obtidas em função dos informantes não lembrarem, não saberem, ou por outros motivos, por isso, às vezes, as ocorrências não totalizarão 100%.

A estrutura das cartas linguísticas elaboradas é composta de título da carta, questão, legenda, grafia e representação estatística como ilustrado abaixo:

Carta Linguística 01: Carta Linguística demonstração

Fonte: Autora

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

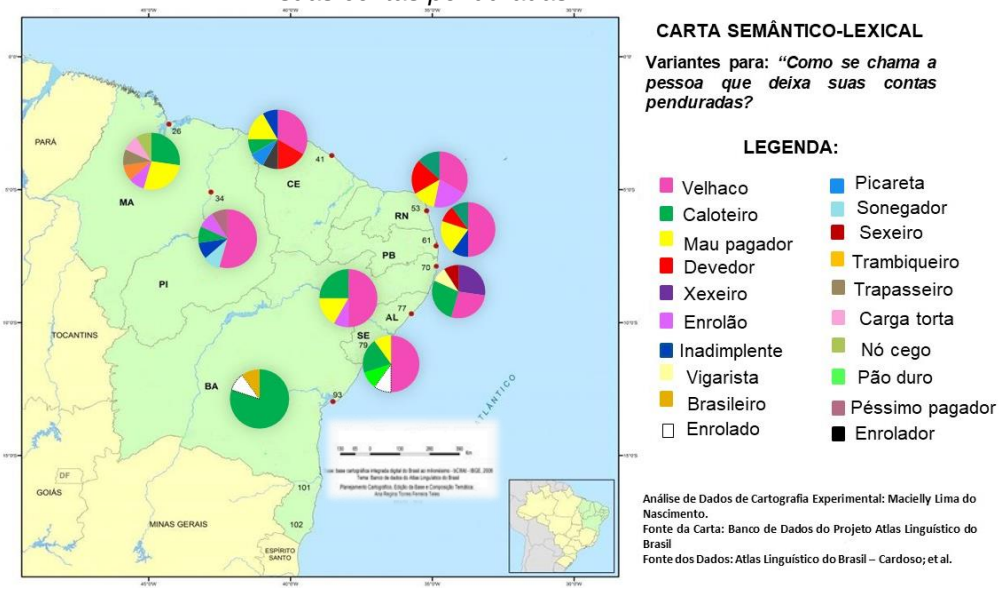
Neste capítulo, apresentamos a análise feita com base dos dados coletados das respostas dadas à questão 139 do campo semântico *Convívio* e *Comportamento Social* do QSL do ALiB: "*Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?".* Para melhor visualização e compreensão dos resultados obtidos, apresentamos a análise e discussão de dados considerando os fatores diatópico, diagenérico, diageracional e a escolaridade.

4.1 Fator diatópico

A variação diatópica decorre da influência dos lugares em que habitam os falantes de determinada língua. Tal influência se concretiza pela diversidade de processos de povoamento, culturas, tradições, hábitos, que particularizam os espaços geográficos ocupados pelos falantes.

Foram elaboradas 10 (dez) cartas linguísticas para retratar a distribuição diatópica das variantes lexicais para a *pessoa que deixa suas contas penduradas* nas 09 (nove) capitais da região Nordeste do Brasil.

Carta Linguística 02: Variantes lexicais usadas na região Nordeste para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Com base na **Carta Linguística 02**, pudemos constatar um total de 20 (vinte) variantes lexicais nas capitais do Nordeste brasileiro para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*. A lexia *velhaco* figura como a variante lexical mais recorrente nas capitais do Nordeste do Brasil, totalizando 35,42% das ocorrências em 07 (sete) das 09 (nove) capitais nordestinas, a saber: Maceió (77) e Teresina (34), capitais nas quais atingiu o maior percentual de ocorrência, João Pessoa (61), Recife (70), Fortaleza (41), Aracaju (79) e Natal (53). Não foi registrada, apenas, nas capitais São Luís (26) e Salvador (93).

A variante *caloteiro* foi a segunda lexia mais recorrente na fala dos informantes das capitais da região, atingiu um percentual de 23,96% e teve registro em todas as 09 (nove) capitais nordestinas. Já *mau pagador* obteve 9,38% de ocorrências registradas em 06 (seis) das (09) nove capitais: Salvador (93) — onde tivemos a maior ocorrência para essa lexia —, Recife (70), São Luís (26), Maceió (77), Fortaleza (41) e Natal (53).

A lexia *devedor* apresentou um percentual de 6,25% de ocorrências, sendo registrada somente nas capitais Fortaleza (41), Natal (53) e João Pessoa (61). A lexia *xexeiro* teve 4,17% ocorrências, com registrado em Teresina (34), com um maior percentual, e em Natal (53).

Enrolão também teve 4,17% de ocorrência, aparecendo apenas em Natal (53), onde obteve maior índice de ocorrência, São Luís (26), e Maceió (77). Tivemos ainda 3,13 % de ocorrência para *inadimplente,* registrada em Fortaleza, João Pessoa (61) e Aracaju (79) com o mesmo percentual de ocorrência.

Catalogamos também as variantes *brasileiro, vigarista, enrolado, picareta, sonegador, sexeiro, trambiqueiro, trapasseiro, carga torta, nó cego, pão duro, péssimo pagador e enrolador* que apresentaram um percentual de 1,06% de ocorrência cada.

Ainda foi possível constatarmos que houve abstenções em 04 (quatro) capitais, sendo: São Luís (26), Teresina (34), João Pessoa (61) e Aracaju (79), desse modo, observamos que cada uma dessas localidades apresentou apenas 01 (uma) ocorrência, atingindo um total número de 04 (quatro) abstenções.

Para melhor compreensão, na **Tabela 04** distribuímos a quantidade de ocorrências, em números absolutos, e o percentual de ocorrência registrado em relação ao total de variantes catalogadas nas capitais do Nordeste:

Tabela 04: Quantidade e percentual das lexias obtidas nas capitais do Nordeste

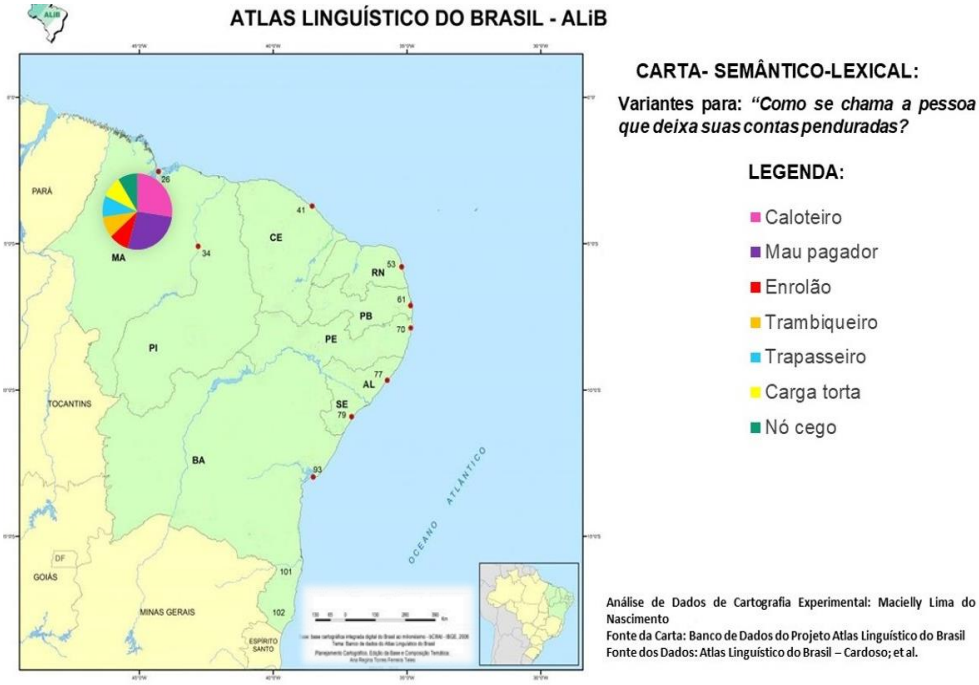
Variante	Quantidade	Percentual	Localidade
Velhaco	34	35,42%	Maceió (77) e Teresina (34), João Pessoa (61), Recife (70), Fortaleza (41), Aracaju (79) e Natal (53)
Caloteiro	23	23,96%	Maceió (77) e Teresina (34), João Pessoa (61), Recife (70), Fortaleza (41), Aracaju (79) e Natal (53), São Luís (26) e Salvador (93)
Mau pagador	9	9,38%	Recife (70), São Luís (26), Maceió (77), Fortaleza (41) e Natal (53)
Devedor	6	6,25%	Fortaleza (41), Natal (53) e João Pessoa (61)
Xexeiro	4	4,17%	Teresina (34) e Natal (53)
Enrolão	4	4,17%	Natal (53), São Luís (26), e Maceió (77)

Inadimplente	3	3,13%	Fortaleza, João Pessoa (61) e Aracaju (79)
Vigarista	1	1,04%	Recife (70)
Brasileiro	1	1,04%	Salvador (93)
Enrolado	1	1,04%	Salvador (93)
Picareta	1	1,04%	São Luís (26)
Sonegador	1	1,04%	Teresina (34)
Sexeiro	1	1,04%	Recife (70)
Trambiqueiro	1	1,04%	São Luís (26)
Trapasseiro	1	1,04%	São Luís (26)
Carga torta	1	1,04%	São Luís (26)
Nó Cego	1	1,04%	São Luís (26)
Pão duro	1	1,04%	Aracaju (79)
Péssimo pagador	1	1,04%	Teresina (34).
Enrolador	1	1,04%	Fortaleza (41)
Total:	**96**	**100,00%**	

Fonte: Autora

Vejamos, agora, a variação lexical *para a pessoa que deixa suas contas penduradas* por cada capital separadamente.

Carta Linguística 03: Variantes lexicais usadas em São Luís para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*

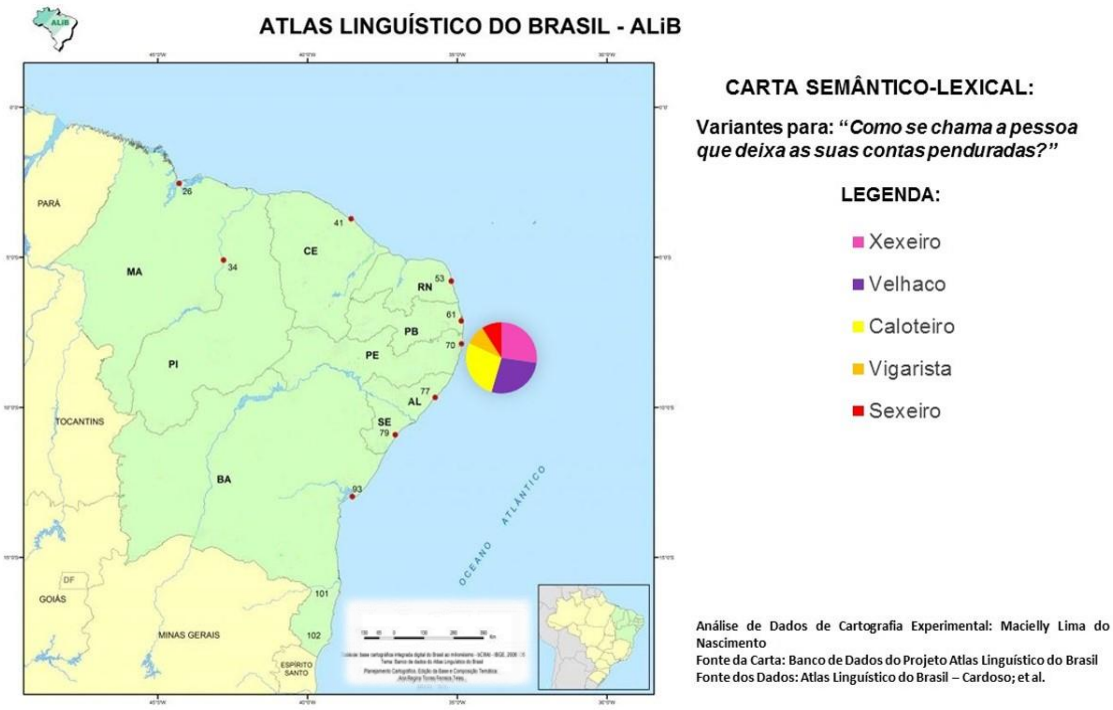


Fonte: Autora.

Conforme apresentado na **Carta Linguística 03**, em São Luís (26), tivemos o total de 07 (sete) denominações para a pergunta 139 do QSL/ALiB. As lexias *mau pagador* e *caloteiro* foram as mais recorrentes na capital maranhense. Cada uma dessas lexias obteve 27 % de ocorrência.

Registramos, ainda, outras variantes para *mau pagador* em São Luís (26) as quais aparecem com um percentual reduzido de ocorrência: *nó cego, carga torta, enrolão, trapasseiro e trambiqueiro*. Cada uma dessas formas obteve o percentual de 9% de ocorrência. Vale ressaltarmos que os itens lexicais *trambiqueiro*, *trapasseiro, carga torta* e *nó cego* não apareceram em nenhuma das outras capitais.

Carta Linguística 04: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



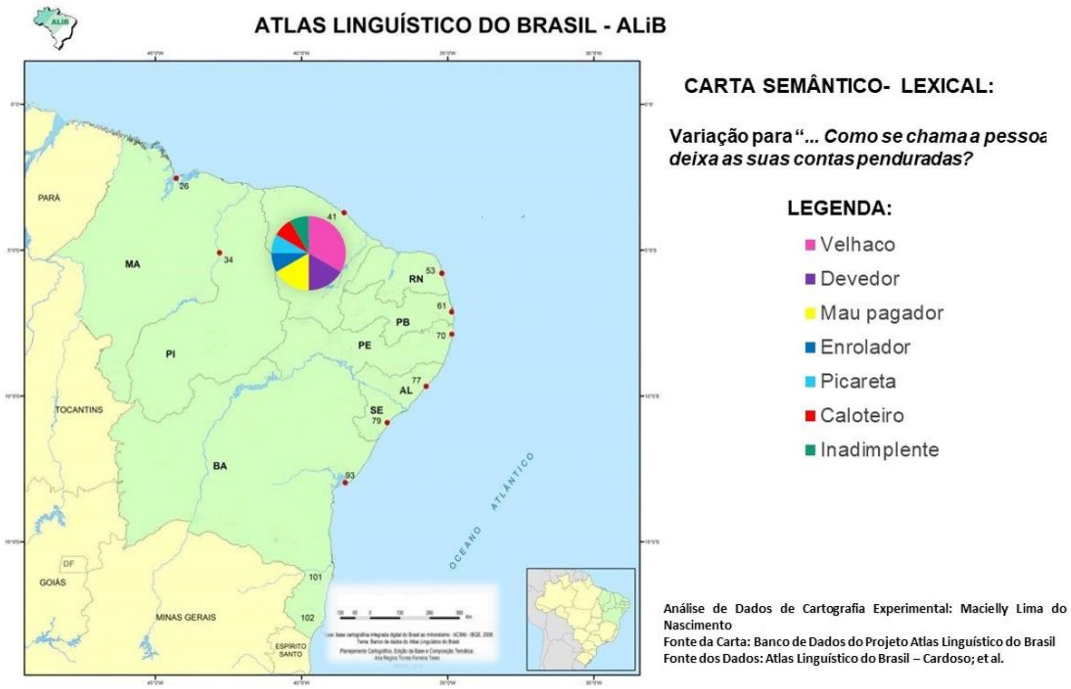
Fonte: Autora.

Em Recife, conforme **Carta Linguística 04**, das 06 (seis) variantes lexicais coletadas, *velhaco, xexeiro* e *caloteiro* foram as mais utilizadas pelos informantes da capital pernambucana, com um percentual de 29% de ocorrência cada.

As demais variantes registradas, *vigarista* e *sexeiro*, obtiveram 9% de ocorrência cada uma. É importante observamos como um informante de Recife (70) explica o uso da lexia *sexeiro*:

> INF. – calotêro
> INQ. – chama de outro jeito?
> INF. – Eh… o nome é… sexeiro…passa seixo… um tipo de pedra…
> INQ. – é?
> INF. – o nome é seixo, né? Seixo. Então é o sexeiro.
> INQ. – engraçado, seixero não sabia. Tá relacionado?…
> INF. – em quem passô o calote
> INQ. – sei
> INF. – passô um seixo

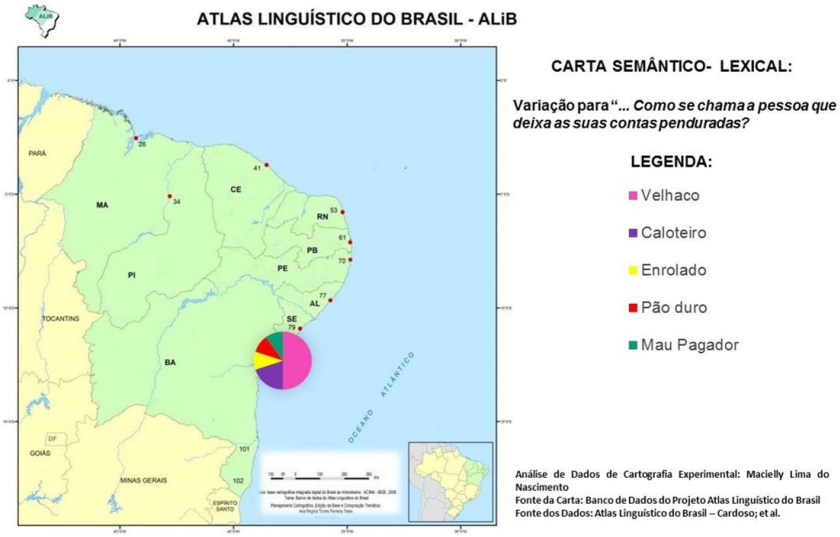
Carta Linguística 05: Variantes lexicais usadas em Fortaleza para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

Foram catalogadas, em Fortaleza (41), 07 (sete) lexias para a questão 139 do QSL/ALiB. Assim como em Maceió (77), João Pessoa (61), Natal (53) e Teresina (34), a variante mais recorrente na capital cearense foi *velhaco*, com um percentual de 30% de ocorrência. As lexias *mau pagador* e devedor, obtiveram 17% de ocorrência cada. As com menor índice de ocorrência, 8% cada uma, foram *inadimplente*, *picareta* e *enrolador*.

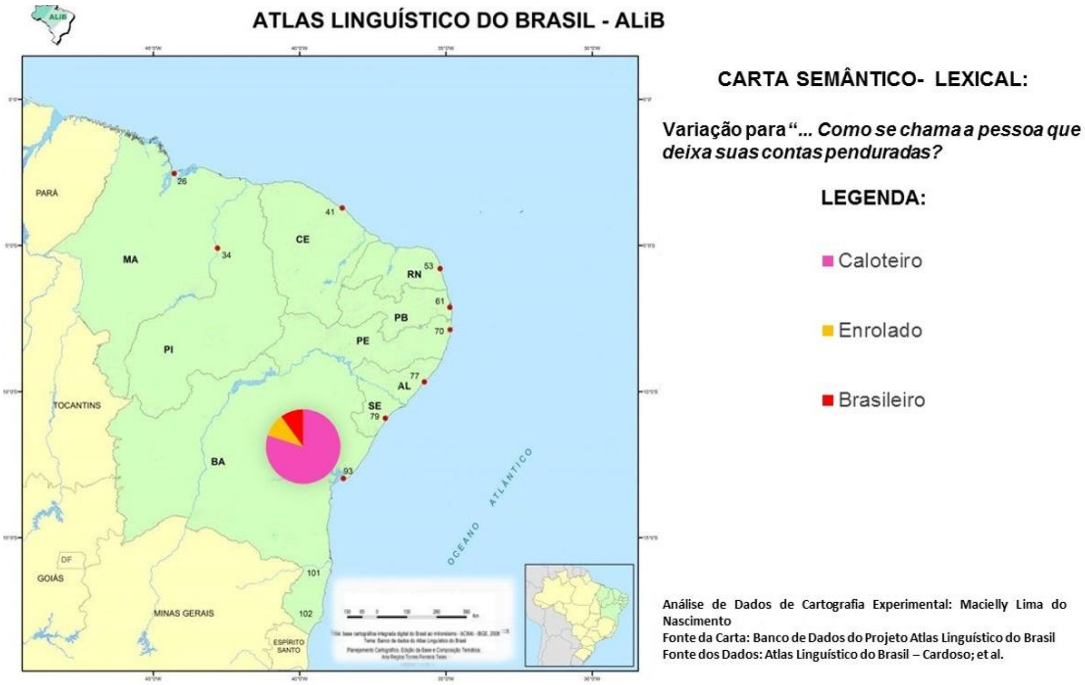
Carta Linguística 06: Variantes lexicais usadas em Aracaju para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

Como podemos observar na **Carta Linguística 06,** catalogamos em Aracaju (79) um total de 05 (cinco) lexias. *Velhaco* teve um percentual de 50% de ocorrência. *Caloteiro* foi a segunda forma mais recorrente na capital, obtendo um percentual de 20%. Ainda catalogamos as variantes *enrolado* e *mau pagador* as quais obtiveram 10% de ocorrência cada.

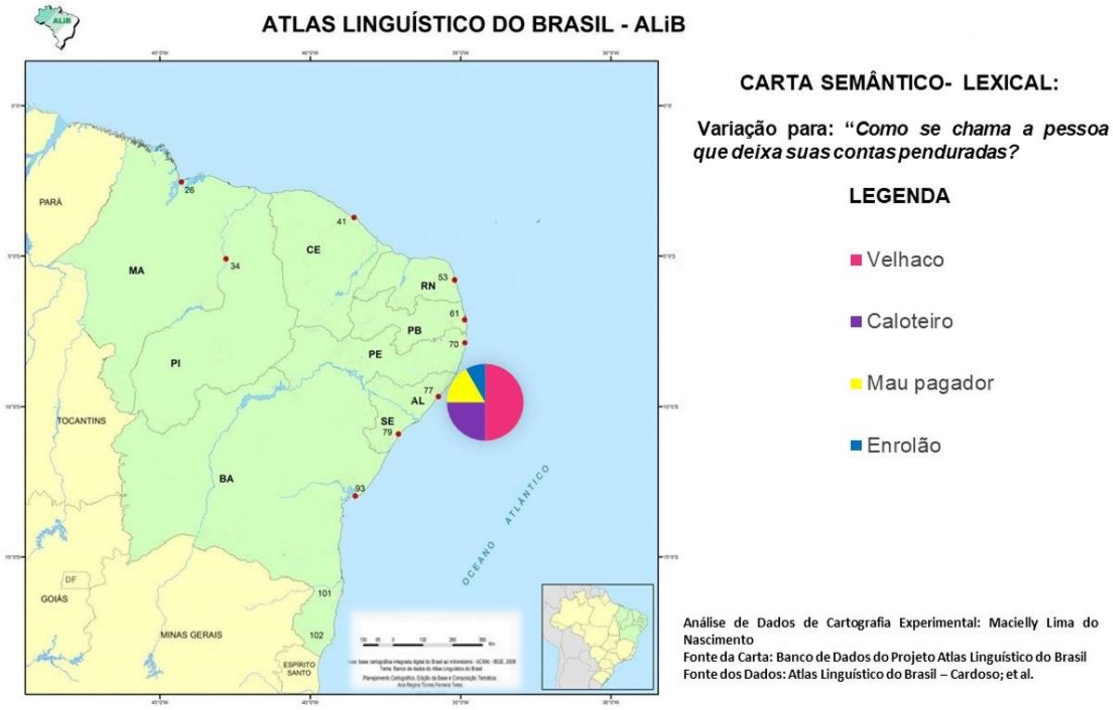
Carta Linguística 07: Variantes lexicais usadas em Salvador para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

De acordo com a **Carta Linguística 07**, catalogamos, em Salvador (93), apenas 03 (três) variantes. Desse modo, foi a capital nordestina que apresentou menor quantidade de lexias para *a pessoa que deixa as suas contas penduradas.* Sendo assim, podemos visualizar uma uniformidade denominativa na localidade, uma vez que a variante *caloteiro* é realizada por todos os oito informantes da capital. Sendo assim, *caloteiro* apresentou 80% de ocorrência, um percentual majoritariamente mais expressivo se comparado ao das outras variantes catalogadas nessa localidade e aos percentuais de ocorrência dessa lexia nas outras capitais nordestinas. As lexias e*nrolado* e *brasileiro* tiveram 10% de ocorrência cada uma. Importa-nos destacar, ainda, que a lexia *brasileiro* foi realizada apenas na capital baiana.

Carta Linguística 08: Variantes lexicais usadas em Maceió para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



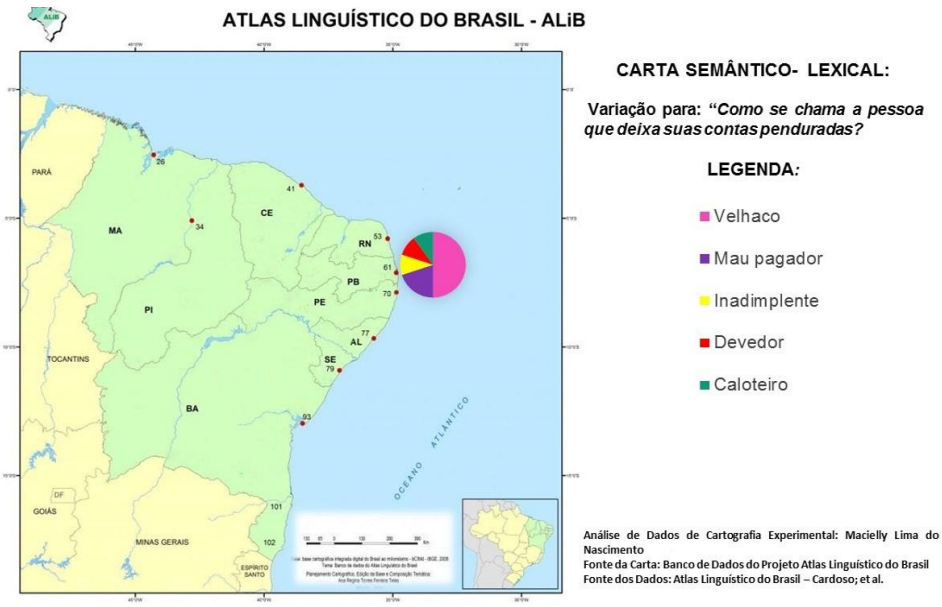
Fonte: Autora.

Conforme a **Carta Linguística 08**, catalogamos em Maceió (77), apenas 04 (quatro) variantes. De tal modo, depois de Salvador (93), Maceió (77) foi a capital que apresentou o menor número de variantes para *a pessoa que deixa suas contas penduradas.*

A lexia *velhaco* foi a mais recorrente, alcançando 50% de ocorrência na localidade. É importante destacarmos que Maceió (77), tal como Teresina (34), foi a capital que alcançou um maior percentual para a lexia *velhaco*.

Já a variante *caloteiro* foi a segunda mais recorrente, apresentando um percentual de 25% de ocorrência. O item lexical *mau pagador* obteve um índice de 17% de ocorrência. *Enrolão* registrou um percentual de apenas 8% de ocorrência em Maceió (77).

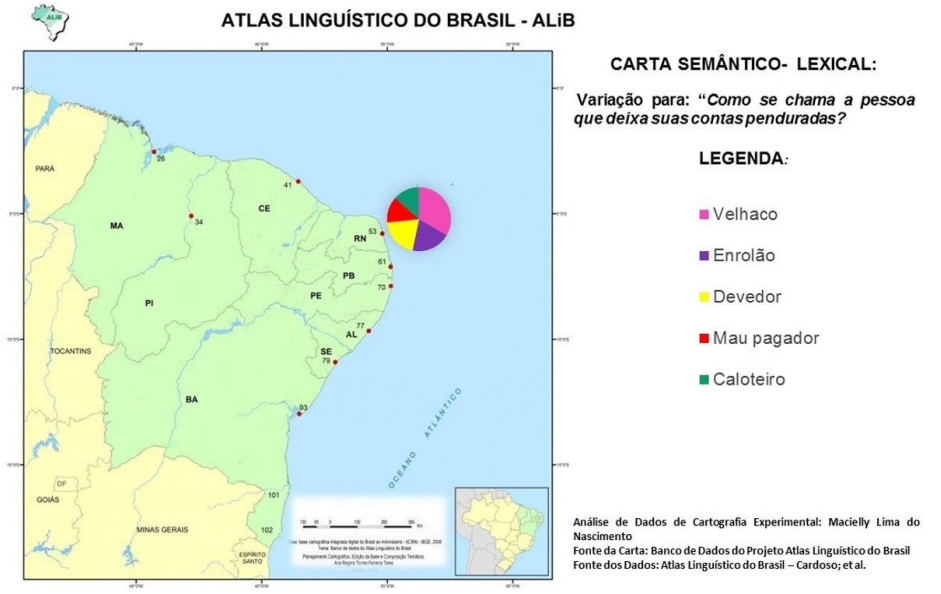
Carta Linguística 09: Variantes lexicais usadas em João Pessoa a *para a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

Segundo a **Carta Linguística 09**, catalogamos ao todo, em João Pessoa (61), 05 (cinco) variantes. A lexia *velhaco* foi a mais utilizada pelos informantes da capital, tendo 50 % de ocorrência. Já a lexia *mau pagador*, é a segunda forma mais utilizada na capital paraibana, obtendo 20% de ocorrência. Catalogamos, ainda, as lexias *devedor* e *inadimplente*, cada uma com 10% de ocorrência.

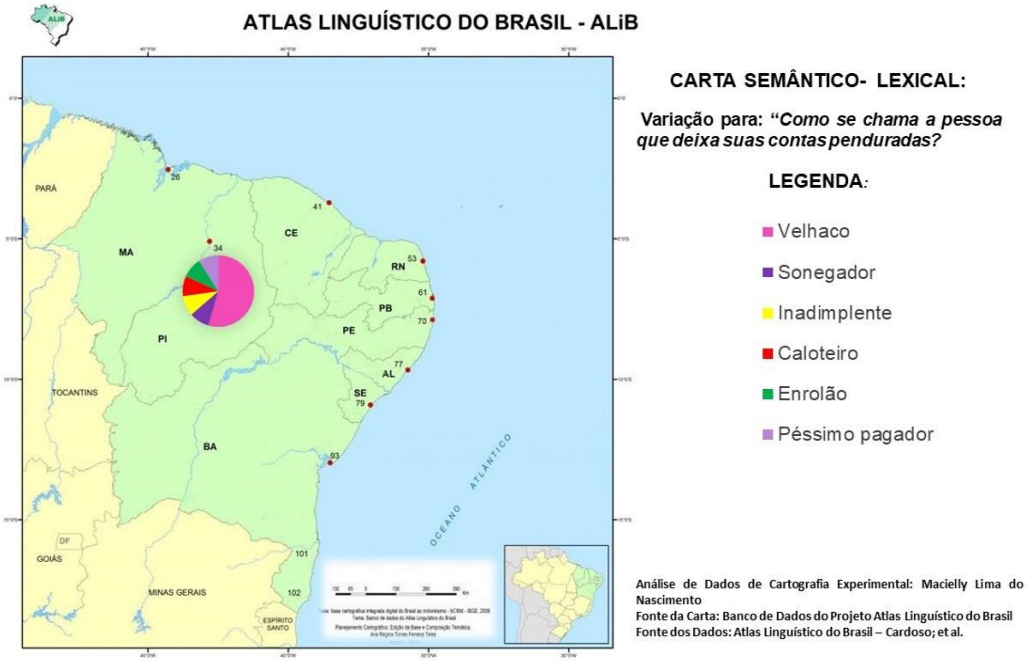
Carta Linguística 10: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

De acordo com a **Carta Linguística 10**, assim como em João Pessoa (61), catalogamos ao todo, em Natal (53), 05 (cinco) variantes. A lexia *velhaco* apresentou 33% de ocorrência na capital. As outras duas lexias *devedor* e *enrolão* tiveram um percentual de 20% de ocorrência cada. Já as variantes *caloteiro* e *enrolão* atingiram o percentual de 13% de ocorrência cada.

Carta Linguística 11: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

Conforme a **Carta Linguística 11**, catalogamos ao todo, em Teresina (34), 06 (seis) variantes para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*. A lexia *velhaco* aparece de maneira significativa, uma vez que foi a variante mais recorrente na localidade, atingindo 55% de ocorrência.

As lexias *sonegador, inadimplente, caloteiro, enrolão e péssimo pagador* obtiveram 9 % de ocorrência cada uma.

Vale enfatizarmos, ainda, que as lexias *sonegador* e *péssimo pagador* ocorreram, apenas, em Teresina (34).

4.2 Fatores sociais

Adotando a perspectiva da Geolinguística Pluridimensional, buscamos relacionar o processo de variação lexical para *mau pagador* nas capitais do Nordeste

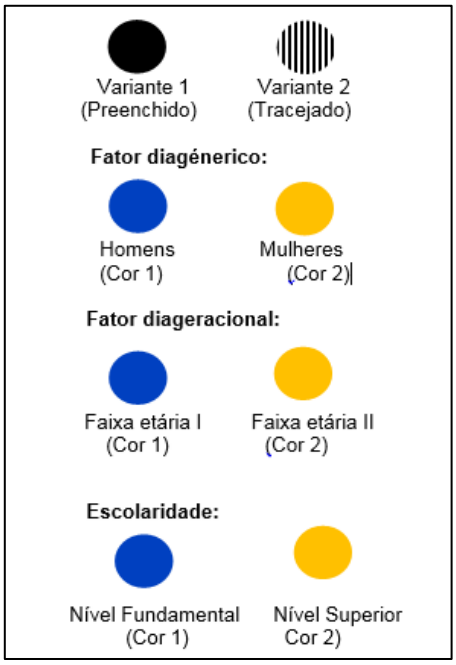
brasileiro aos fatores diageracional, diagenérico e de níveis de escolaridade considerando as duas lexias mais recorrentes no *corpus* analisado, nesta pesquisa, que são: *velhaco* e *caloteiro*.

Para a análise, elencamos as lexias mais recorrentes nas capitais nordestinas, ou seja, *velhaco* e *caloteiro.* Ressaltamos que *velhaco* foi registrada em 07 (sete) das 09 (nove) capitais do Nordeste brasileiro: Aracaju (79), Fortaleza (41), Recife (70), João Pessoa (61), Teresina (34), Natal (53) e Maceió (77), não tendo realização, apenas, em Salvador(93) e São Luís (26). *Caloteiro* teve registro em todas as capitais nordestinas.

Destacamos, ainda, que levamos em consideração a distribuição dos dados de cada capital, separadamente, para a análise dos fatores sociais elencados para esta investigação.

Com a finalidade de contemplar a distribuição social das lexias registradas, também foram realizadas cartas linguísticas que adotam um padrão de codificação para promover uma melhor visualização. Dessa maneira, nos gráficos de pizzas, as formas “tracejado” e “preenchido” representam as variantes, enquanto as cores 1 e 2 (azul e laranja) representam os fatores sociais: sexo, faixa etária, e por último a escolaridade, conforme **Figura 4** abaixo.

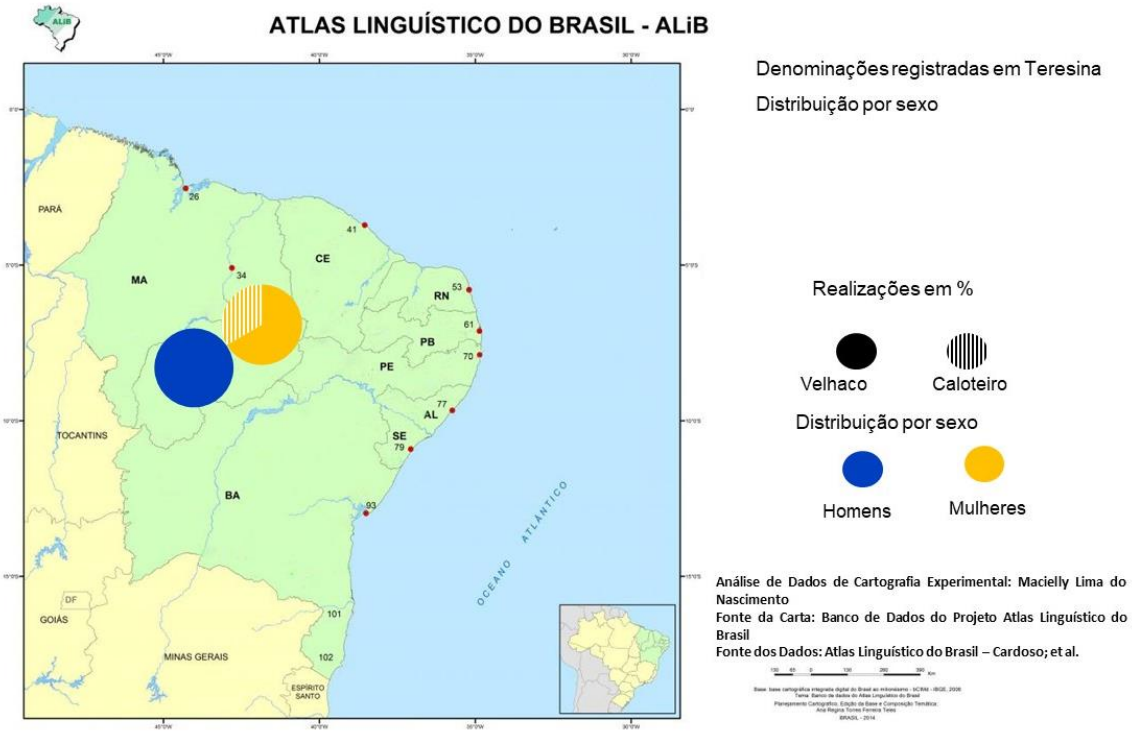
Figura 03: Legenda de fatores sociais



Fonte: Autora.

4.2.1 Fator diagenérico

Carta Linguística 12: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



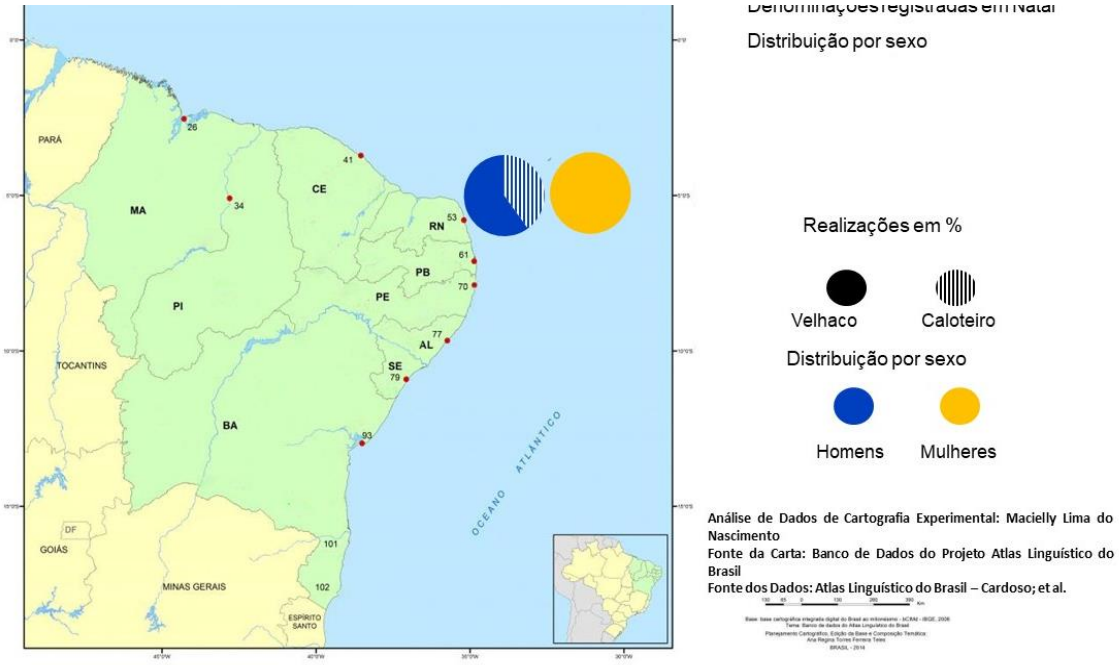
Fonte: Autora.

Conforme a **Carta Linguística 12**, em Teresina, assim como em João Pessoa, os informantes do sexo masculino realizaram apenas a lexia *caloteiro* e a variante *caloteiro* foi registrada, apenas, na fala das informantes do sexo feminino.

As informantes do sexo feminino realizaram as variantes *caloteiro* e velhaco, contudo, destacamos que *velhaco* foi a lexia que predominou na fala das mulheres, atingindo 67% de ocorrência.

Portanto, no que tange ao fator diagenérico, as capitais Teresina (34) e João Pessoa (61) apresentam percentuais relativamente iguais.

Carta Linguística 13: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



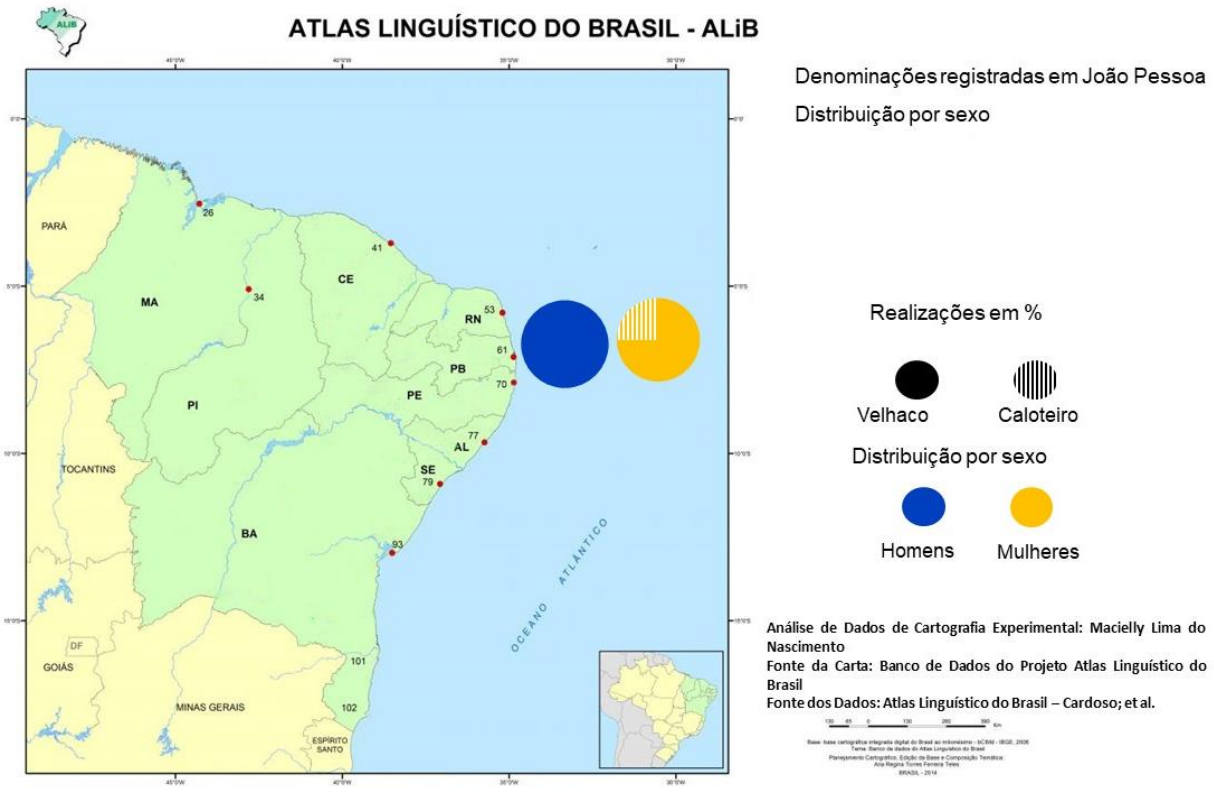
Fonte: Autora.

De acordo com a **Carta Linguística 13**, podemos observar que a variante *velhaco* aparece tanto na fala dos informantes do sexo masculino quanto na fala das informantes do sexo feminino.

Porém, podemos notar que, assim como em Fortaleza (41), em Natal (53) houve 60% de ocorrências para *velhaco* e 40% para *caloteiro*, sendo que as mulheres responderam somente a forma *velhaco* e os homens realizaram ambas as formas.

Dessa maneira, consideramos que os homens naturais de Natal usaram com mais frequência a lexia *velhaco*.

Carta Linguística 14: Variantes lexicais usadas em João Pessoa para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*

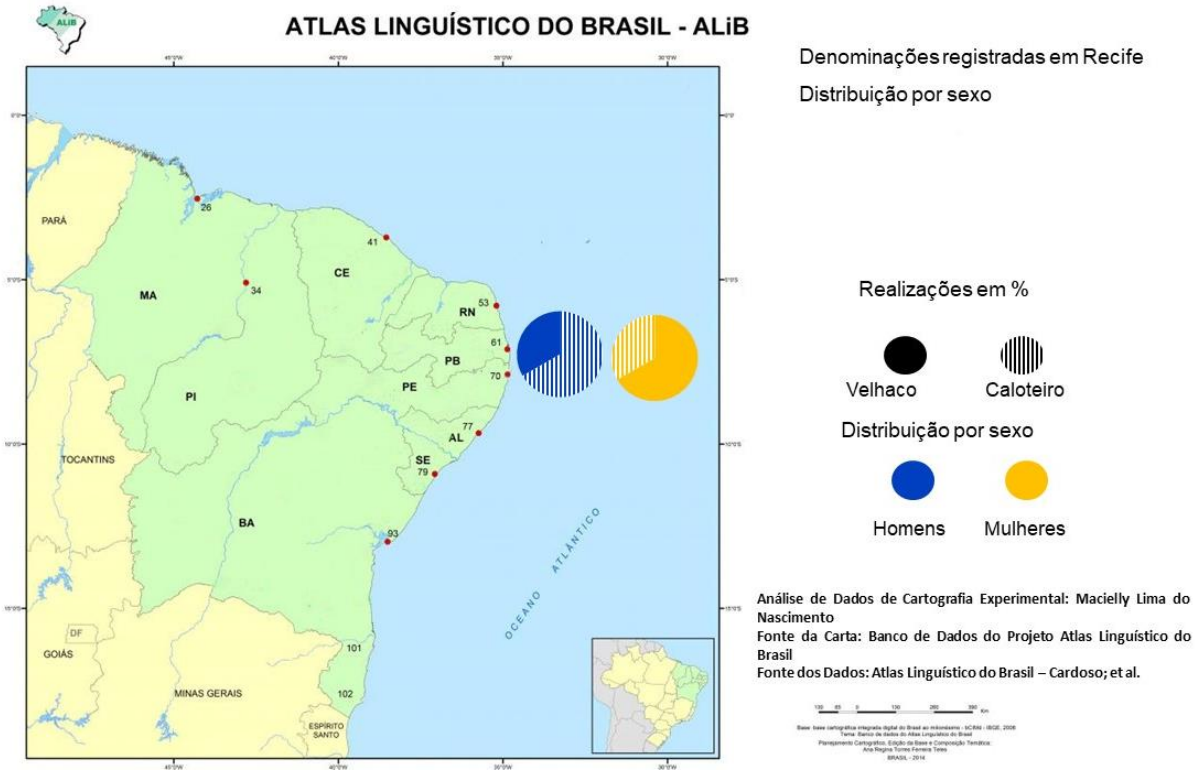


Fonte: Autora.

De acordo com a **Carta Linguística 14**, a lexia *velhaco,* registrada em João Pessoa (61), teve registro em 100% da fala dos homens e em 75% da fala das mulheres. Porém, assim como em Fortaleza, em João Pessoa (61) a lexia *caloteiro* foi utilizada apenas por mulheres.

Dessa maneira, podemos observar que apesar da variante *caloteiro* ter sido utilizada apenas por informantes do sexo feminino, a forma *velhaco* foi realizada com maior frequência em ambos os sexos, demonstrando estabilidade denominativa no fator diagenérico da localidade.

Carta Linguística 15: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



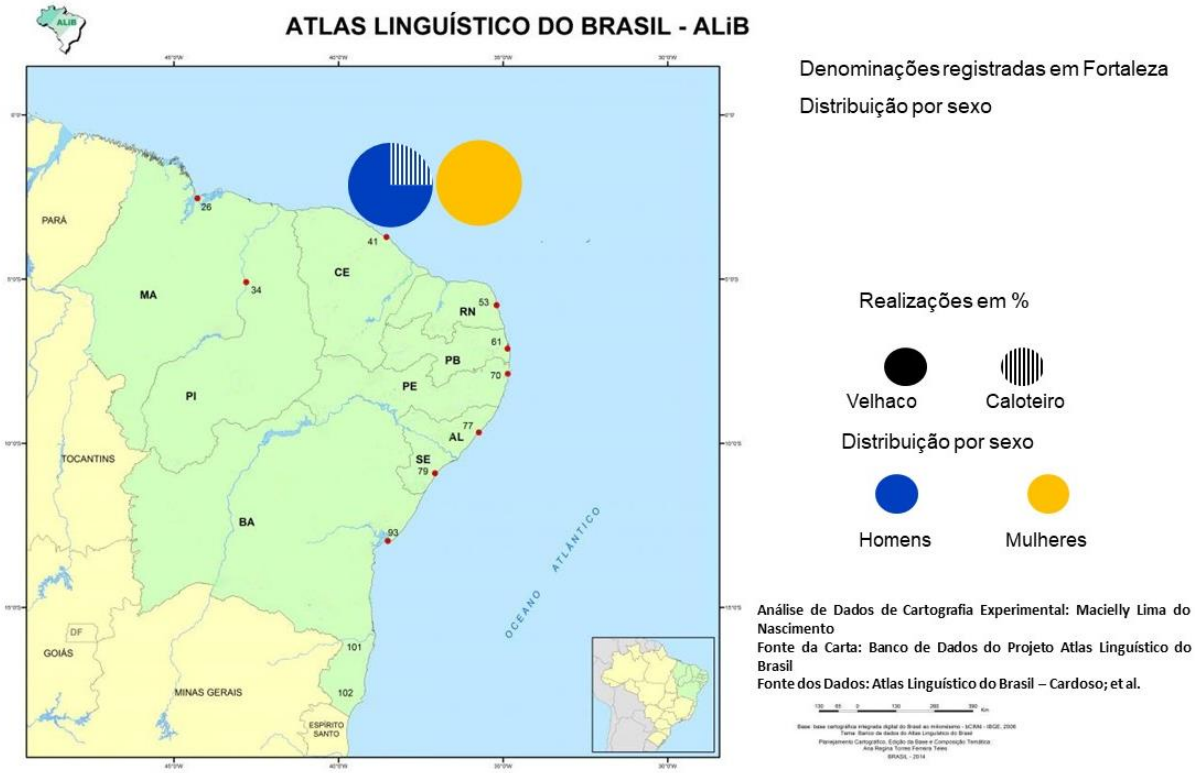
Fonte: Autora**.**

A **Carta Linguística 15** evidencia que, em Recife, 67% dos informantes do sexo masculino realizou a lexia *caloteiro* e 33%, a lexia *velhaco*.

Diferentemente, *caloteiro* obteve o percentual de 67% de ocorrência de uso entre as mulheres e *velhaco*, 33% de ocorrência.

Dessa maneira, podemos constatar a evidente variação diagenérica em relação ao uso de *caloteiro* e *velhaco* na capital pernambucana, uma vez que entre as mulheres predominou o uso de *caloteiro*, com 67% de ocorrência, e entre os homens a lexia *velhaco* teve predominância de uso, atingindo também 67%.

Carta Linguística 16: Variantes lexicais usadas em Fortaleza para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



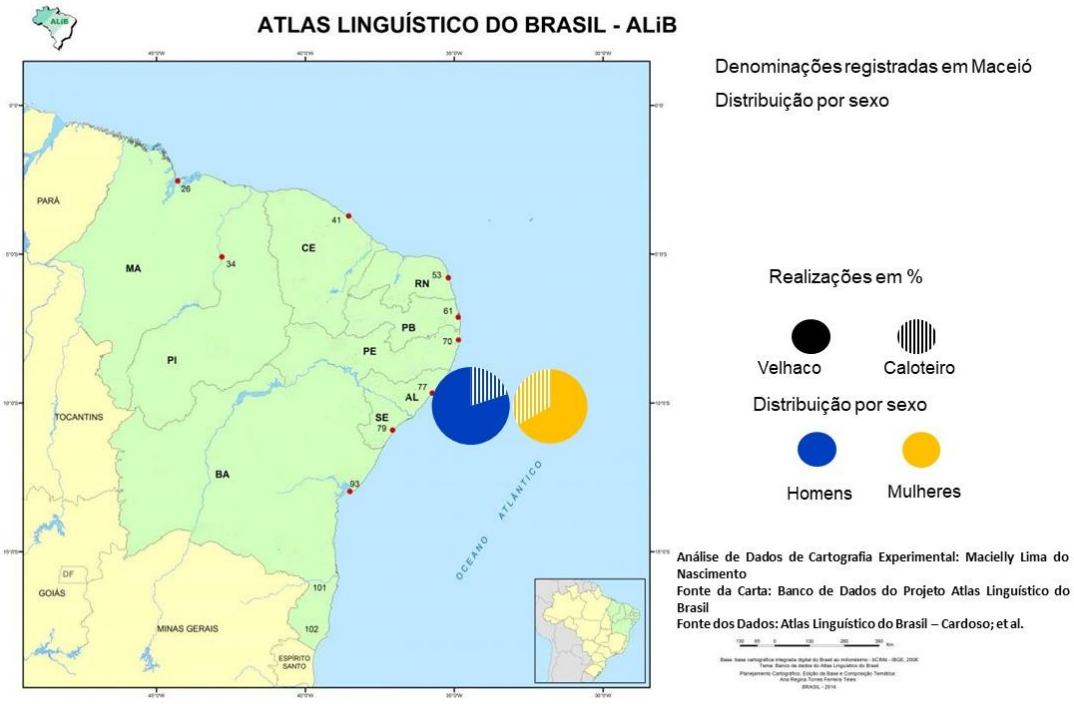
Fonte: Autora.

Conforme a **Carta Linguística 16**, a lexia *velhaco,* em Fortaleza (41), teve 100% de uso entre as informantes do sexo feminino, embora os informantes do sexo masculino também a tenham usado com maior recorrência que *caloteiro*.

A lexia *caloteiro* foi, portanto, realizada apenas pelos homens.

Diante disso, podemos ressaltar que, apesar da variante *caloteiro* ter sido usada somente por informantes do sexo masculino, a forma *velhaco* foi mais recorrente nos dois sexos, evidenciando equilíbrio no fator diagenérico da capital cearense.

Carta Linguística 17: Variantes lexicais usadas em Maceió para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*

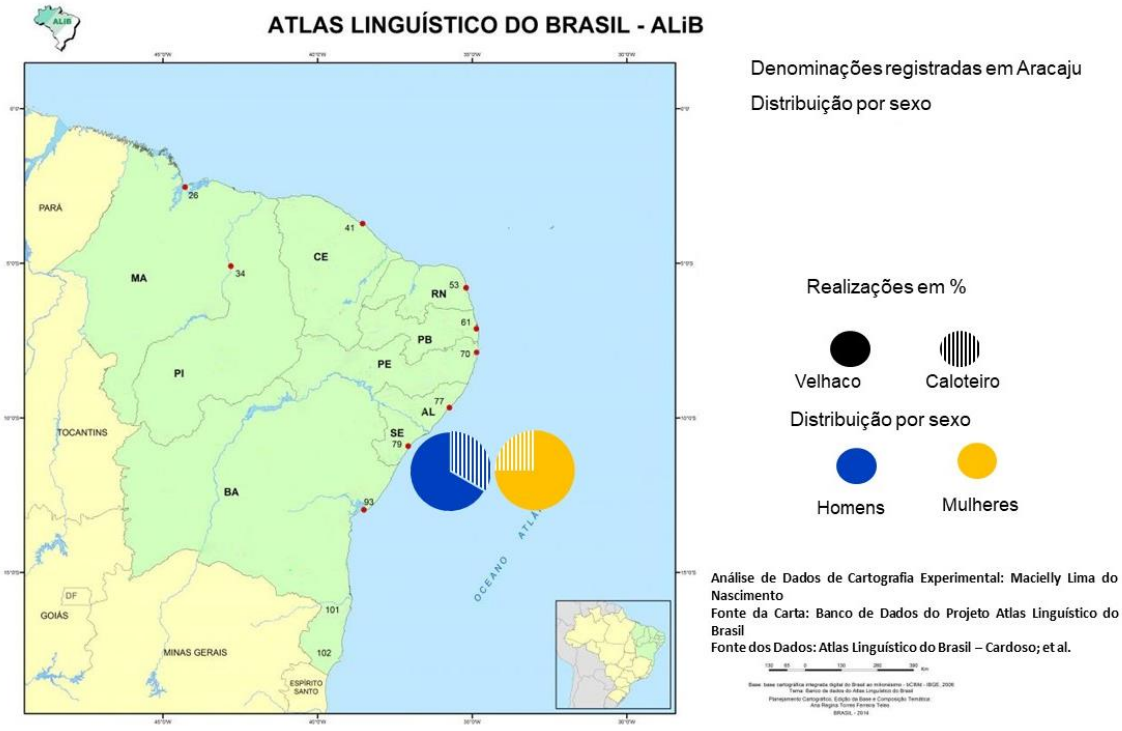


Fonte: Autora.

A **Carta Linguística 17** evidencia que 80% dos homens usou a lexia *velhaco.* Já as mulheres apresentaram um percentual de 67% de uso da variante *velhaco*.

Como podemos constatar, *caloteiro* teve um índice de 20% de ocorrência entre os informantes do sexo masculino enquanto que entre as informantes do sexo feminino atingiu um percentual de 33%. Assim, as mulheres da capital alagoana apresentaram um relativo aumento no percentual de uso de *caloteiro* em relação aos homens.

Carta Linguística 18: Variantes lexicais usadas em Aracaju para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



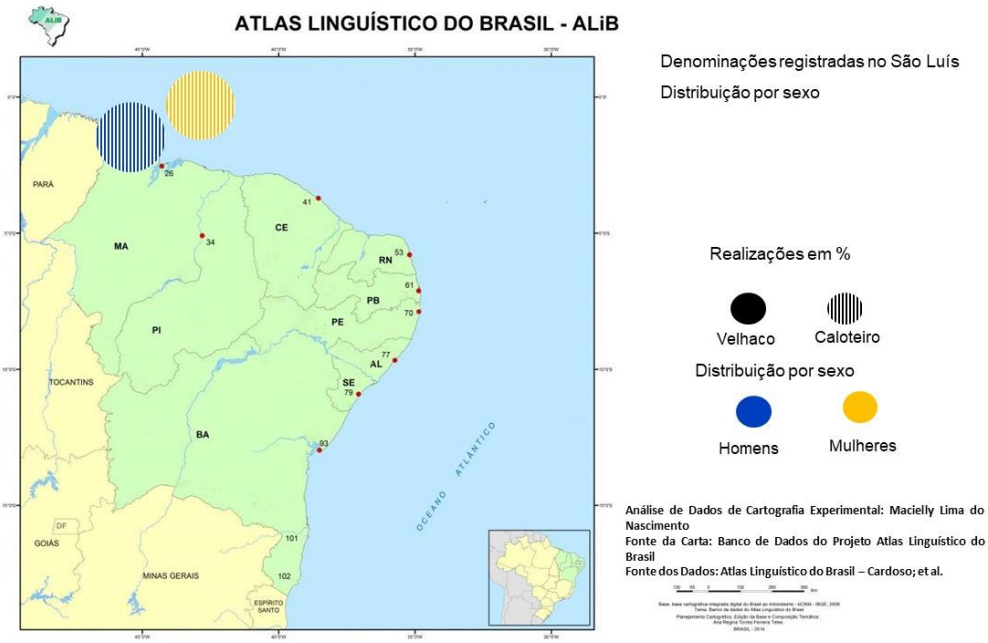
Fonte: Autora

Como podemos visualizar na **Carta Linguística 18**, as mulheres de Aracaju apresentaram um percentual de 75% de uso da lexia *velhaco* enquanto os homens registraram 67%.

A lexia *caloteiro* teve 33% de ocorrência entre os informantes do sexo masculino e 25% de ocorrência entre as do sexo feminino.

Desse modo, podemos constatar que a variante lexical *velhaco* obteve predominância de uso em ambos os sexos.

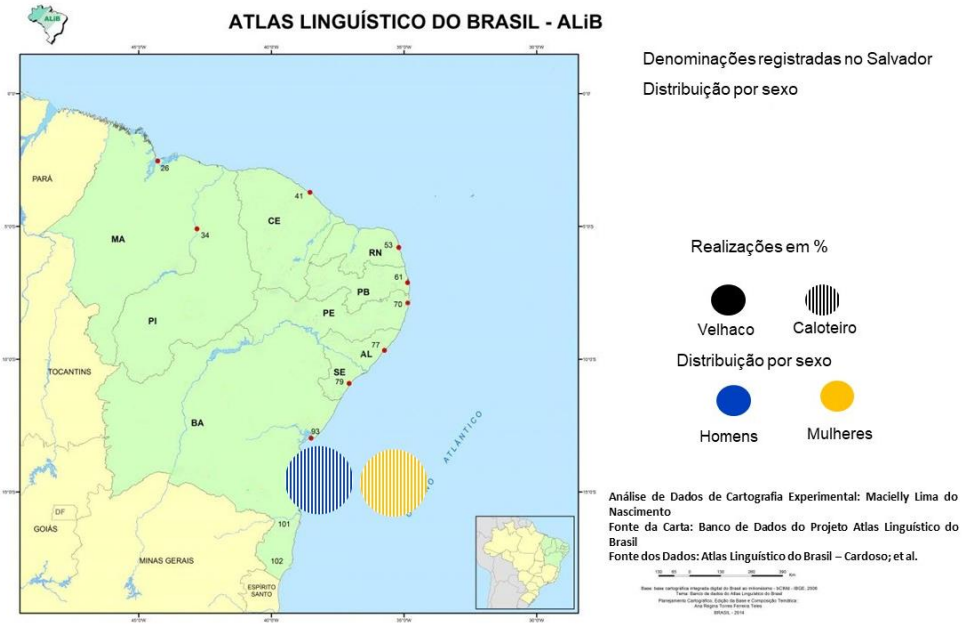
Carta Linguística 19: Variantes lexicais usadas em São Luís para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

Como podemos visualizar, em São Luís (26) tivemos ocorrências somente do item lexical *caloteiro,* desse modo, como podemos constatar, tal lexia foi registrada na fala informantes do sexo masculino e feminino da capital. Assim, em São Luís (26), o item lexical foi registrado na fala de 100 % dos informantes homens e 100 % das informantes mulheres.

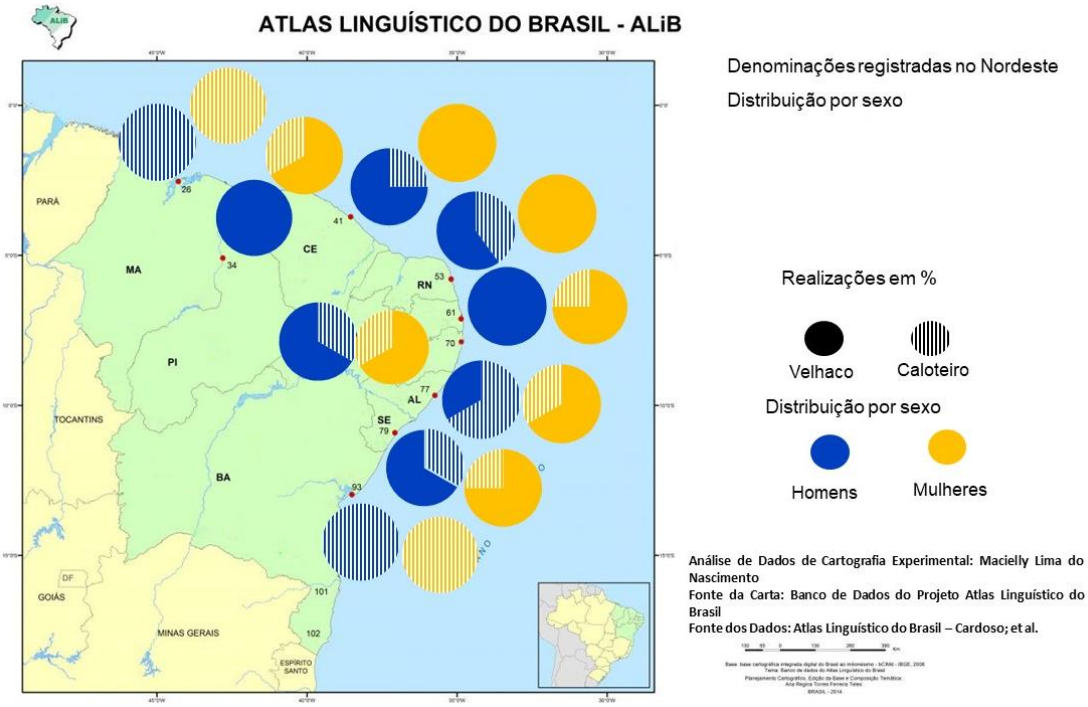
Carta Linguística 20: Variantes lexicais usadas em Salvador para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora

Em Salvador (93), tivemos ocorrências somente do item lexical *caloteiro,* portanto, como podemos averiguar, a lexia foi registrada na fala informantes do sexo masculino e feminino da capital. Desse modo, em Salvador (93), o item lexical *caloteiro* ocorreu na fala de 100% dos informantes homens e 100 % das informantes mulheres.

Carta Linguística 21: Distribuição diagenérica das lexias *velhaco* e *caloteiro* na região Nordeste



Fonte: Autora**.**

Em síntese, no que tange à análise do fator diagenérico nas capitais do Nordeste brasileiro, a variante lexical *velhaco* teve predominância de uso entre homens e mulheres das 07 (sete) capitais em que foi registrada. Todavia, a variante *caloteiro* foi registrada apenas na fala dos informantes do sexo masculino de 05 (cinco) dessas 07 (sete) capitais: Maceió (77), Aracaju (79), Natal (53), Recife (70) e Fortaleza (41).

Vale ressaltarmos que *caloteiro* foi usada pelas informantes do sexo feminino de 05 (cinco) das 07 (sete) localidades analisadas: Teresina (34), João Pessoa (61), Recife (70), Maceió (77) e Aracaju (79).

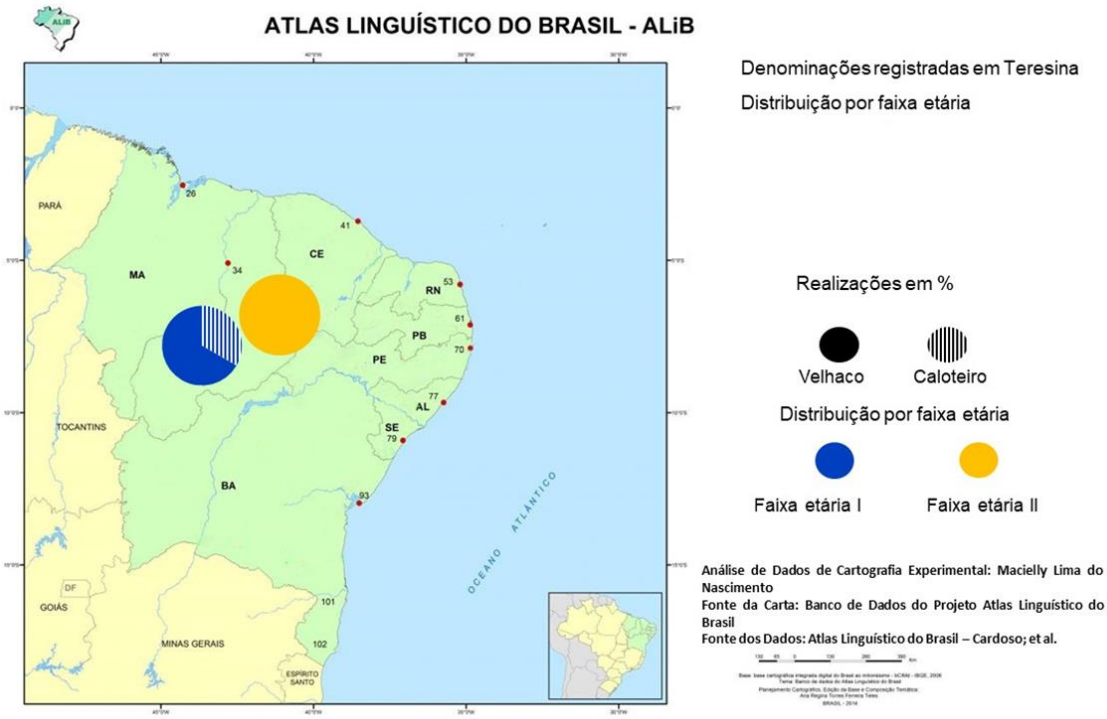
Os informantes homens de Teresina (34) e de João Pessoa (61) apresentaram usaram, apenas, a forma *velhaco*. Nas cidades de Fortaleza (41) e Natal (53), as informantes mulheres realizaram somente a lexia *velhaco*.

É oportuno enfatizarmos que 75% dos informantes que apresentaram abstenções eram informantes mulheres, realçando, portanto, que as mulheres apresentaram maior percentual de abstenção.

Com base nos dados catalogados, concluímos que o fator diagénerico manteve equilíbrio em relação aos dois sexos visto que os homens e mulheres usaram as duas formas *velhaco* e *caloteiro*, apresentando resultados quantitativamente próximos.

4.2.2 Fator diageracional

Carta Linguística 22: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



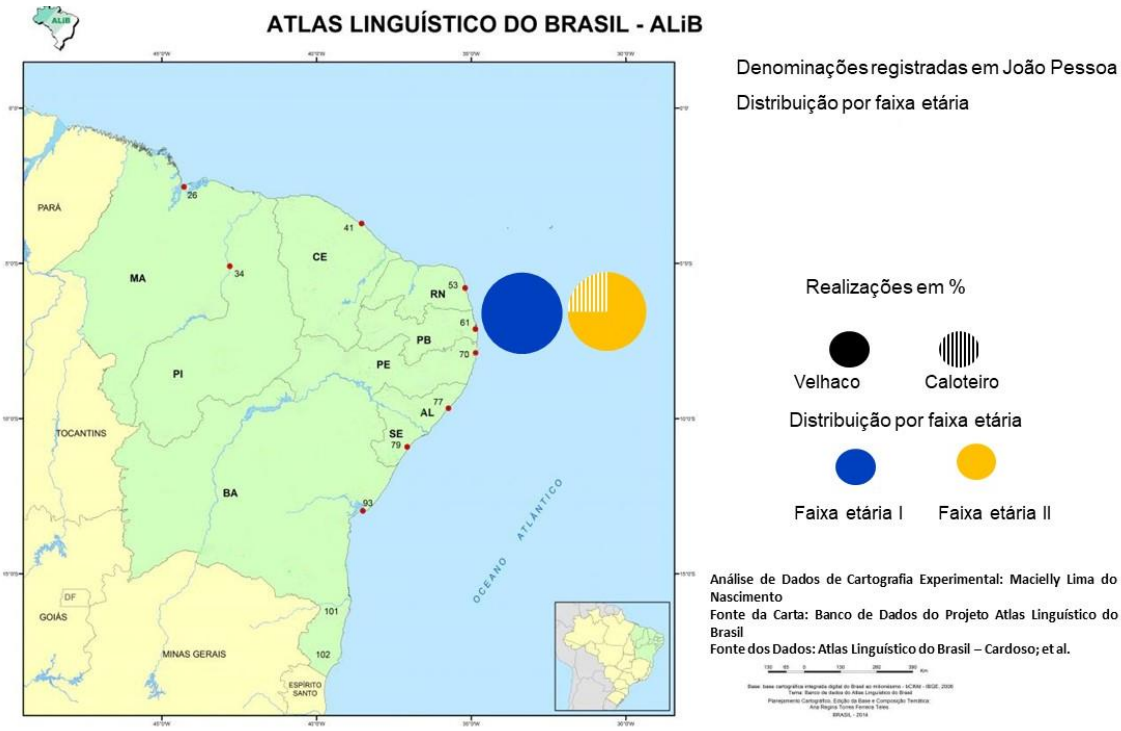
Fonte: Autora.

Os dados da **Carta Linguística 22** nos mostram que os informantes da faixa etária I (18 a 30 anos) de Teresina registraram um índice de 67% de ocorrência para a lexia *velhaco* e de 33% para *caloteiro* enquanto os informantes da faixa II (50 a 65 anos), tal como em Fortaleza, usaram somente a forma *velhaco.*

Desse modo, considerando o cruzamento dos dados, podemos constatar ainda que, a variante c*aloteiro* ocorreu apenas na fala dos informantes da faixa etária I de Teresina (34).

Portanto, no que concerne ao fator diagenérico da localidade, constatamos que as duas faixas etárias deram preferência na utilização da variante *velhaco*.

Carta Linguística 23: Variantes lexicais usadas em João Pessoa para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*

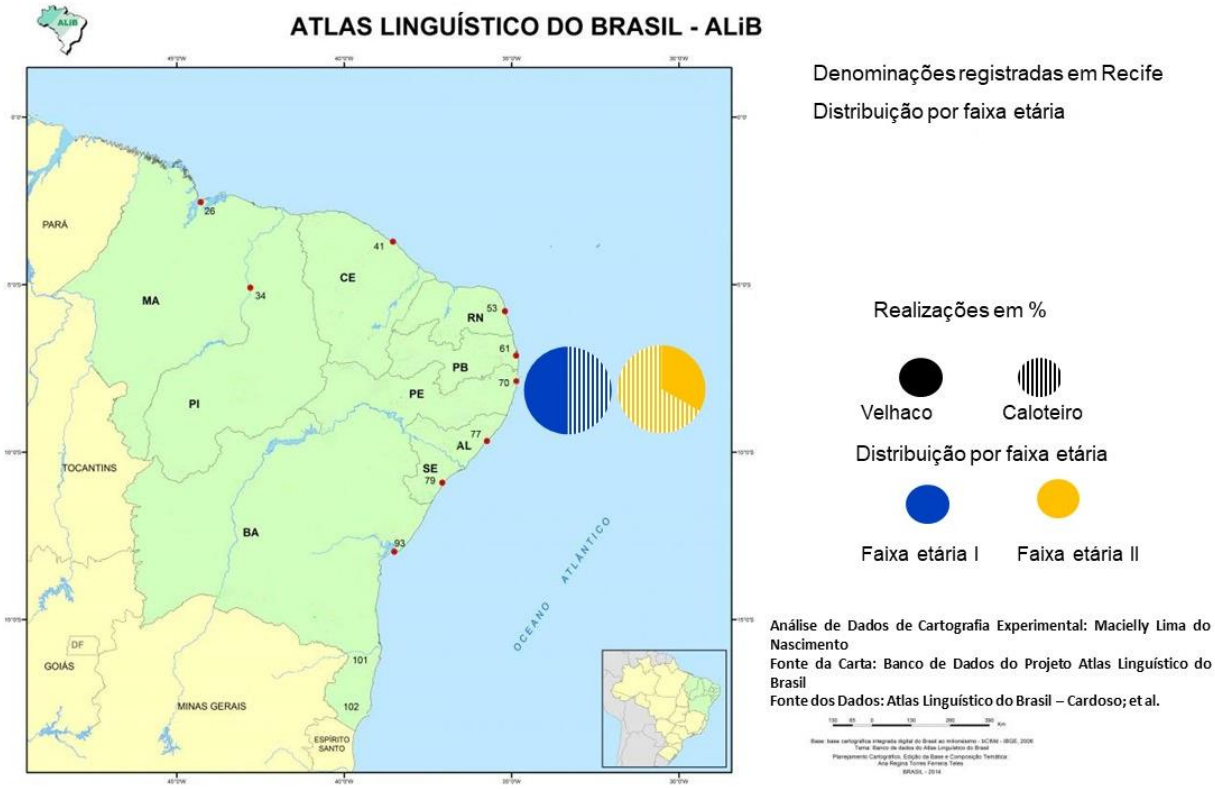


Fonte: Autora.

Podemos observar, de acordo com **Carta Linguística 23** que assim como em João Pessoa (61), Fortaleza (41) e Aracaju (79), a lexia *velhaco* aparece catalogada somente na fala dos informantes da faixa etária I. Em relação aos informantes da faixa etária II, foi registrado 75% de ocorrência da lexia *velhaco*.

Apesar da faixa etária II registrar um pequeno percentual de ocorrência da lexia *caloteiro*, a utilização do item lexical *velhaco* foi predominante na fala dos informantes das duas faixas etárias de João Pessoa (61).

Carta Linguística 24: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



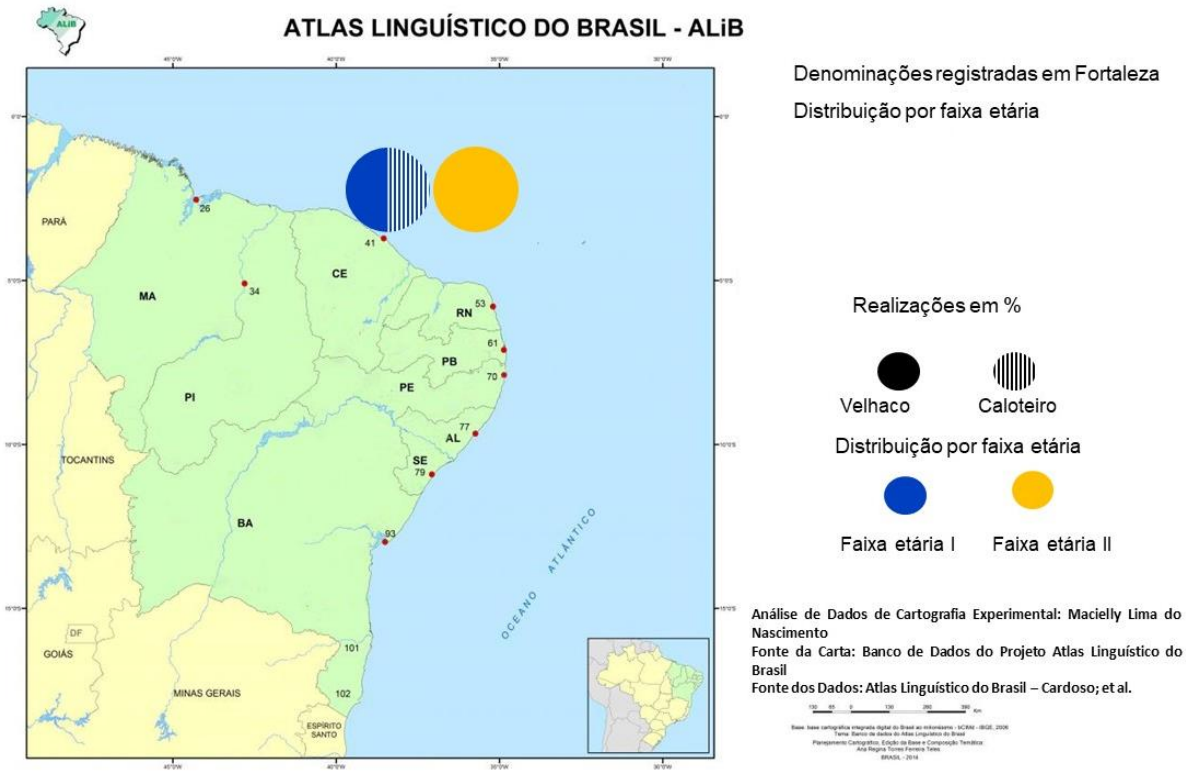
Fonte: Autora.

A **Carta Linguística 24** evidencia que em Recife (70) os informantes da faixa etária I registraram exatamente o mesmo percentual de uso que os informantes da faixa etária I da capital Fortaleza (41) para as duas variantes elencadas, ou seja, houve 50% de ocorrência de uso de *velhaco* e 50 % de ocorrência de uso de *caloteiro* entre os informantes de 18 a 30 anos, o que demonstra equilíbrio no uso de ambas as formas pelos informantes mais novos dessas capitais.

Já a faixa etária II apresentou 67% de uso da lexia *caloteiro* e 33% de ocorrência da variante *velhaco*.

Portanto, podemos constatar um leve aumento no emprego da variante *caloteiro* por informantes da faixa etária II em Recife (70).

Carta Linguística 25: Variantes lexicais usadas em Fortaleza para a pessoa que deixa *suas contas penduradas*

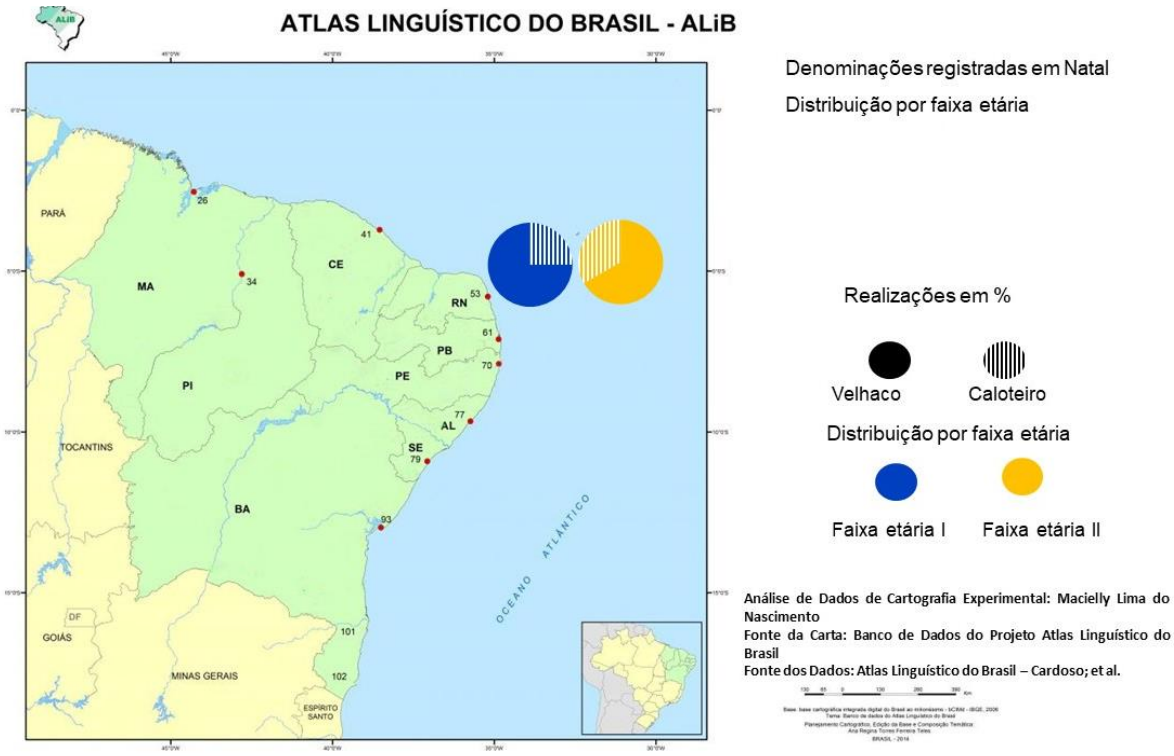


Fonte: Autora.

Os dados relativos a Fortaleza (41) demonstram que não houve equilíbrio diageracional no que diz respeito ao uso de *velhaco* e *caloteiro*, uma vez que a faixa etária II registrou ocorrência somente para a lexia *velhaco*.

Como podemos constatar, os informantes da faixa etária I realizaram 50% de ocorrência para ambas as formas. De maneira diferente, os informantes da faixa etária II registraram o uso apenas de *velhaco*, demonstrando ser essa uma particularidade da segunda faixa etária.

Carta Linguística 26: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



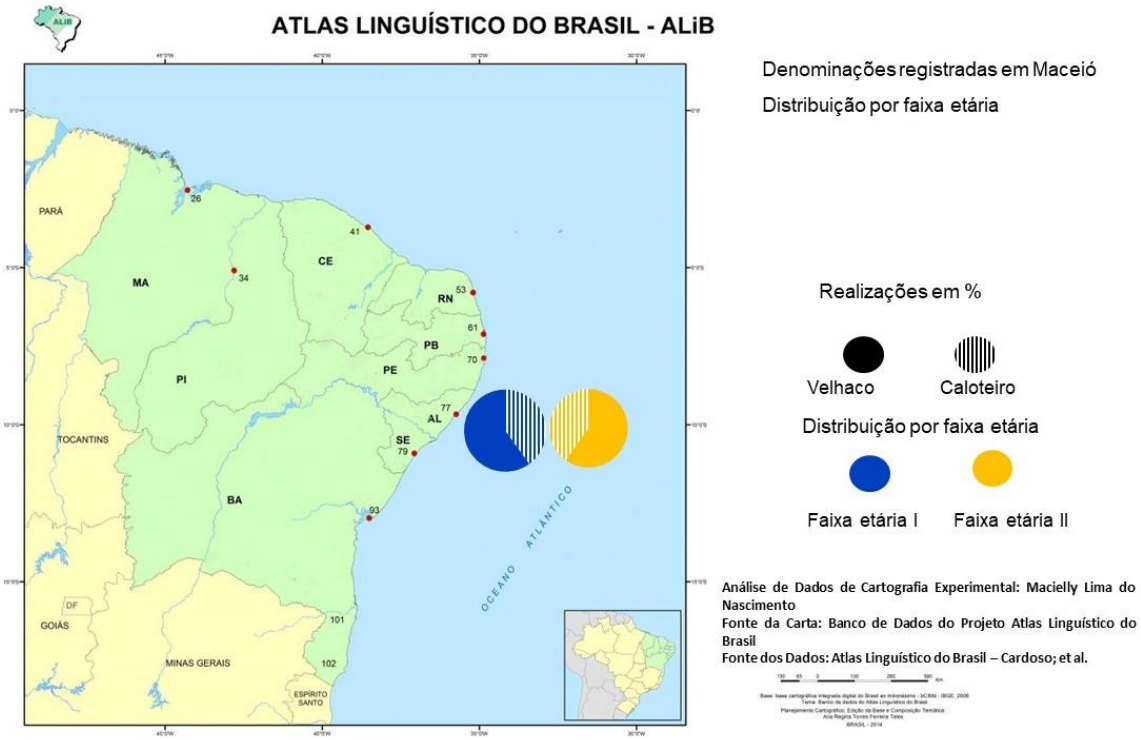
Fonte: Autora.

De acordo com **Carta Linguística 26**, 75% dos informantes mais novos usaram a lexia *velhaco* enquanto que essa lexia, entre os informantes da faixa etária II, atingiu um percentual de uso de 67%.

Em relação à variante *caloteiro*, houve um índice de 25% de ocorrência entre os informantes da faixa etária I e de 33% entre os informantes da faixa etária II.

Portanto, o fator diageracional em Natal, assim como em Maceió, no que diz respeito às duas variantes mais recorrentes por todo o Nordeste, manteve uma considerável uniformidade denominativa uma vez que as escolhas dos informantes de ambos as faixas etárias quanto ao uso das variantes em análise foram quantitativamente próximas.

Carta Linguística 27: Variantes lexicais usadas em Maceió *para a pessoa que deixa suas contas penduradas*

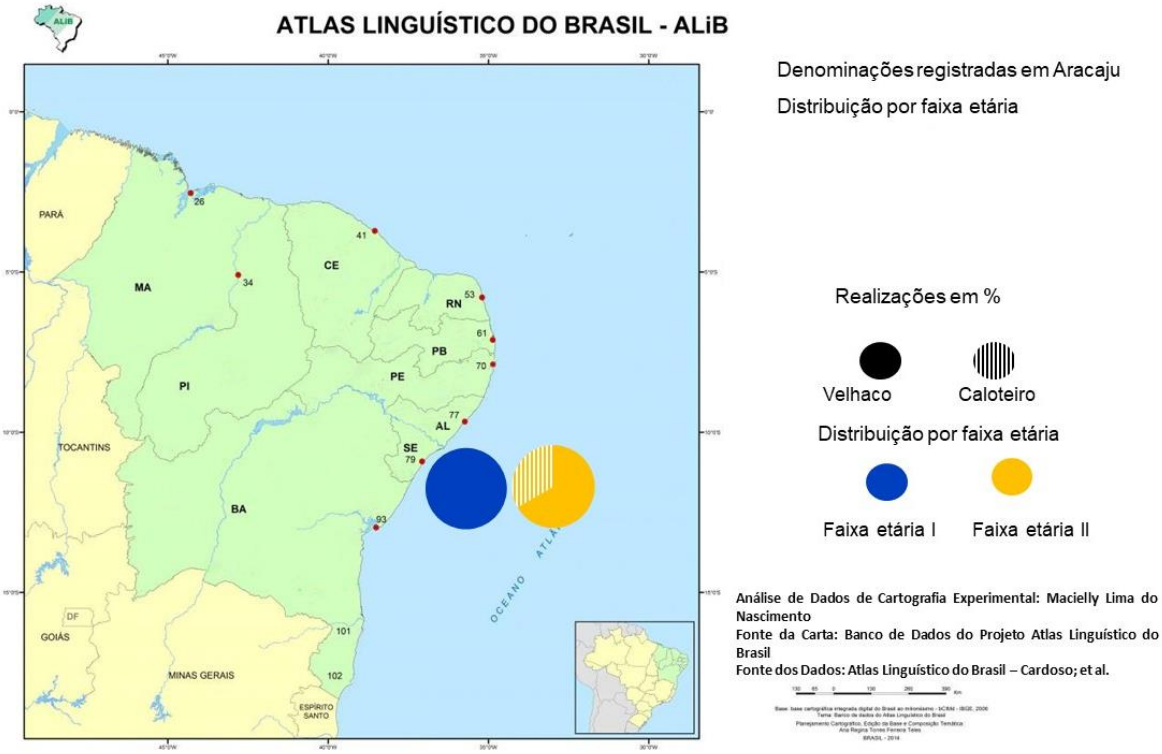


Fonte: Autora

Segundo os dados da **Carta Linguística 27**, em relação ao fator diageracional, houve grande uniformidade em Maceió (77) uma vez que, tanto entre os informantes da faixa etária I quanto entre os da faixa etária II, a lexia *velhaco* apresentou um percentual de 60% de ocorrência e a lexia *caloteiro* obteve um percentual de 40%.

Desse modo, como mencionado anteriormente, podemos observar que a dimensão diageracional se mostrou homogênea em Maceió (77), visto que os informantes de ambas as faixas etárias apresentaram percentuais iguais de uso das variantes *velhaco* e *caloteiro*.

Carta Linguística 28: Variantes lexicais usadas em Aracaju para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora

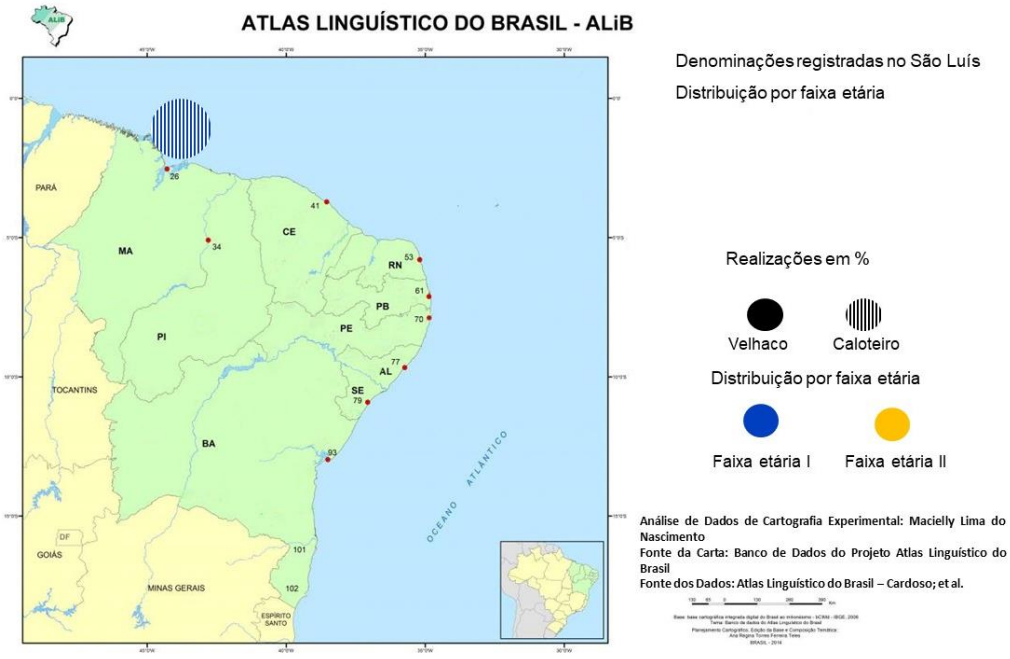
De acordo com a **Carta Linguística 28**, os informantes da faixa etária I de Aracaju, registraram apenas o uso da variante *velhaco*. Em contrapartida, os informantes da faixa etária II apresentaram 67% de uso da forma *velhaco* e 33% de ocorrência da variante *caloteiro*.

Como podemos visualizar, em Aracaju, assim como em João Pessoa (61), a lexia *caloteiro* foi realizada apenas por informantes da faixa etária II.

Portanto, apesar da variante *caloteiro* ter sido utilizada apenas por informantes da faixa etária II, a forma *velhaco* foi realizada com mais frequência pelas duas faixas etárias o que atesta uma estabilidade denominativa no que concerne ao fator diageracional em Aracaju (79), bem como em João Pessoa (61).

Vejamos, a seguir, a distribuição diageracional para as lexias *velhaco* e *caloteiro* em toda região Nordeste:

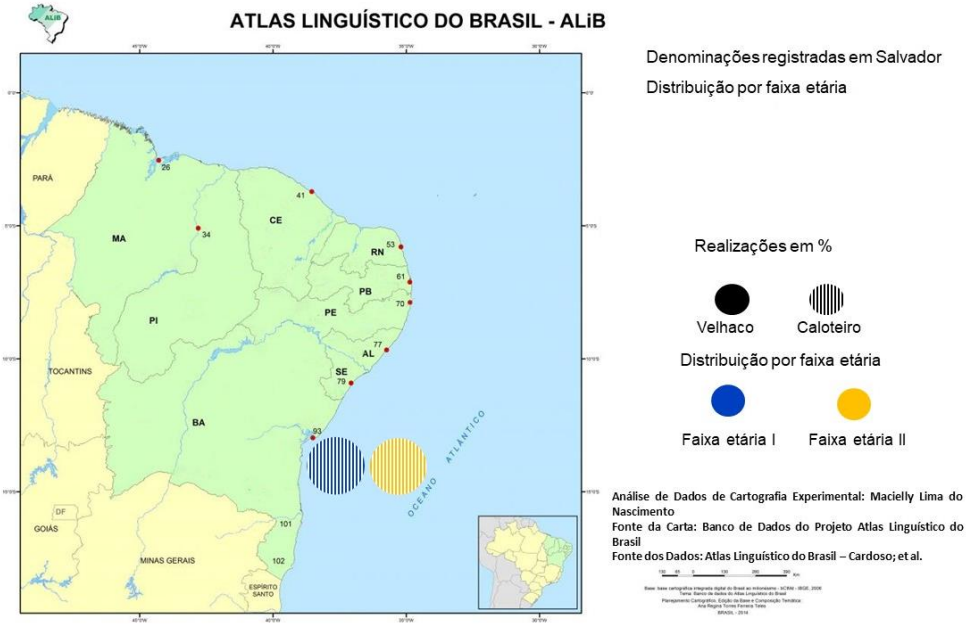
Carta Linguística 29: Variantes lexicais usadas em São Luís para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

Como podemos visualizar na **Carta Linguística 29,** a capital São Luís (26) apresentou ocorrência apenas para lexia *caloteiro.* Observamos ainda que apenas os informantes da faixa etária I registraram tal variante, totalizando um percentual de 100% dos informantes jovens da localidade.

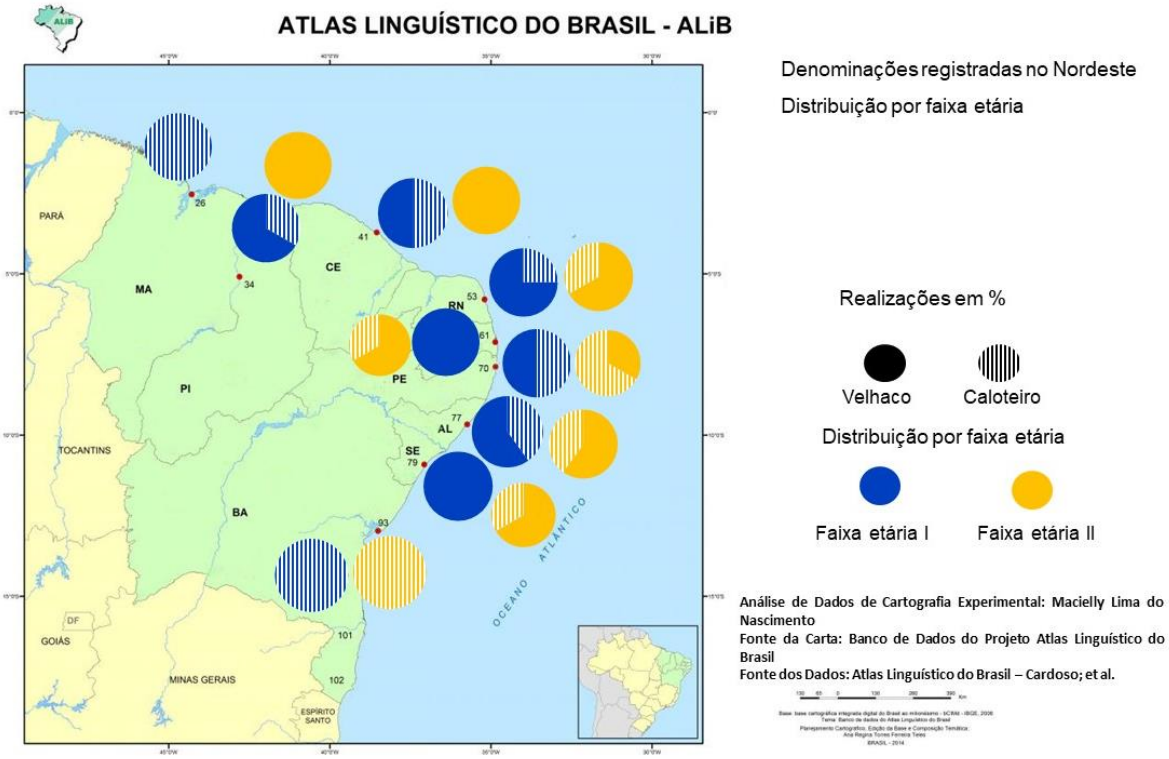
Carta Linguística 30: Variantes lexicais usadas em Salvador para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora

A capital Salvador (93), assim como São Luís (26), não apresentou ocorrência para a lexia *velhaco*. Desse modo, 100% dos informantes da faixa etária I e II de Salvador registrou ocorrência da lexia *caloteiro.*

Carta Linguística 31: Distribuição diageracional das lexias *velhaco* e *caloteiro n*a região Nordeste



Fonte: Autora.

Em suma, diante dos dados obtidos em relação à análise da dimensão diageracional da região Nordeste, constatamos que as variantes *velhaco* e *caloteiro* são utilizadas pelas duas faixas etárias das localidades investigadas. A variante *caloteiro* aparece na fala dos informantes da faixa etária II em 05 (cinco) das 07 capitais em que ocorre, a saber: Natal (53), Recife (70), Maceió (77), João Pessoa (61) e Aracaju (79). A lexia *caloteiro* também foi registrada na fala dos informantes da faixa etária I em 5 (cinco) das 7 capitais, sendo elas: Teresina (34), Fortaleza (41), Natal (53), Recife (70) e Maceió (77).

Os informantes da faixa etária I das 07 (sete) capitais investigadas fizeram uso da variante *velhaco*.

Nas capitais Fortaleza (41) e Teresina (34), somente os informantes da faixa etária I usaram *velhaco*. Ainda, constatamos que os informantes da faixa etária

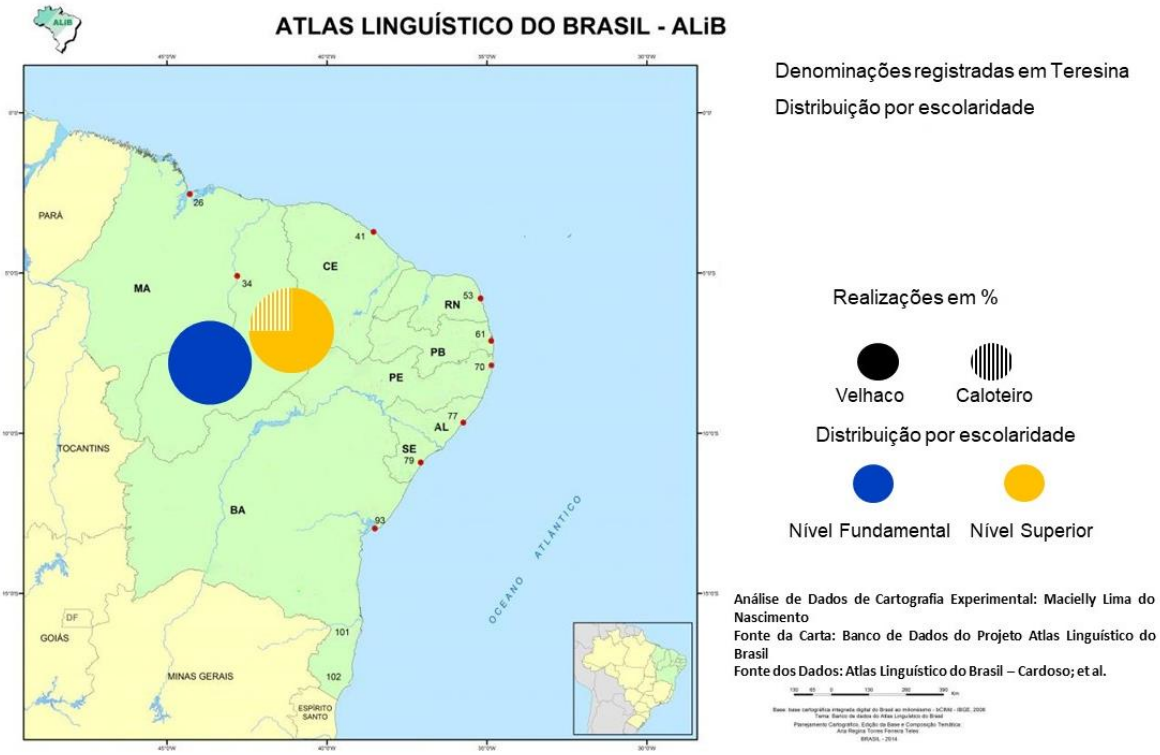
II de Natal (53) e Aracaju (79) só apresentaram índice de ocorrência para *velhaco*. As capitais Salvador (93) e São Luís (26), que apresentaram registro apenas para a lexia caloteiro.

É oportuno realçarmos que 100% dos informantes que apresentaram abstenções eram informantes pertencentes à faixa etária I, demostrando assim que os informantes jovens se abstiveram de maneira significativa.

Diante dos dados obtidos, concluímos que, no que concerne ao fator diageracional e considerando a análise das duas variantes mais recorrentes na região Nordeste, a região demonstrou uma estabilidade denominativa significativa na fala dos informantes da faixa etária I e II.

4.2.3 Fator escolaridade

Carta Linguística 32: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*

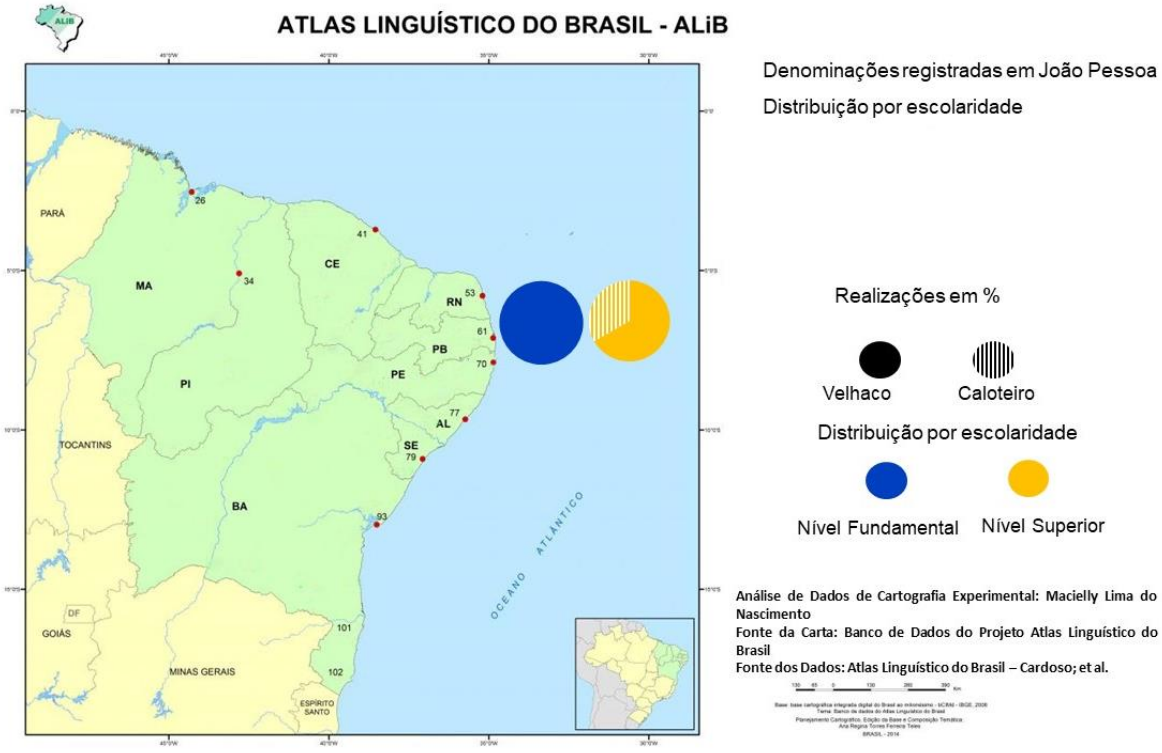


Fonte: Autora.

Na **Carta Linguística 32**, podemos observar que a variante *velhaco* é realizada tanto pelos informantes do nível fundamental quanto pelos do nível superior em Teresina, bem como em Aracaju (79), João Pessoa (61), Fortaleza (41), Recife (70), Maceió (77) e Natal (53).

Entretanto, podemos observar que em Teresina (34), do mesmo modo que em Natal (53), Fortaleza (41) e João Pessoa (61), apenas os informantes do nível superior usaram *caloteiro*, totalizando 33% das ocorrências, enquanto que entre os informantes do nível fundamental houve registro de uso somente da variante *velhaco*, sendo assim, essas variantes demonstraram ser particularidades de uso desses níveis de escolaridade.

Carta Linguística 33: Variantes lexicais usadas em João Pessoa para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

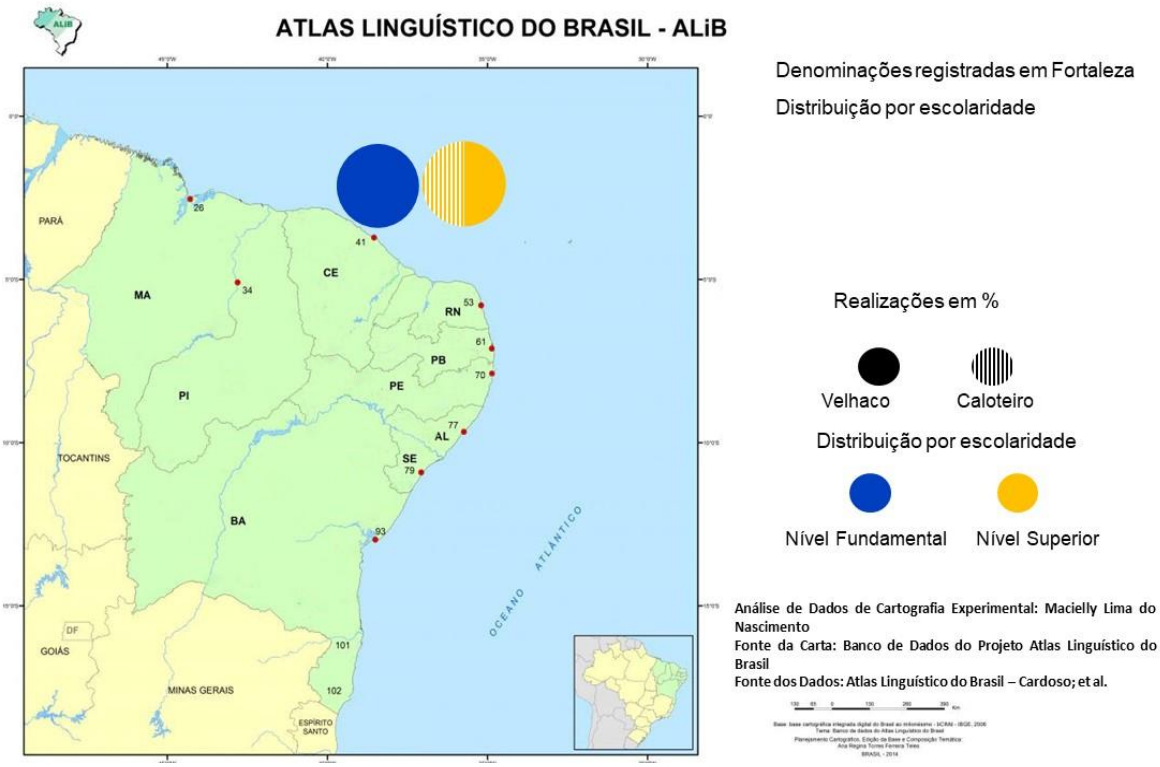
De acordo com a **Carta Linguística 33**, como mencionado anteriormente, os informantes do nível fundamental de João Pessoa (61), tal como em Natal (53), Fortaleza (41) e Teresina (34), usaram apenas a lexia *velhaco*.

Em contrapartida, os informantes que têm o nível superior foram responsáveis por 67% de ocorrência da forma *velhaco* e por 33% da variante *caloteiro*. Assim, a lexia *caloteiro* foi realizada apenas por informantes do nível superior.

Portanto, podemos observar que, apesar da variante *caloteiro* ter sido utilizada apenas por informantes do nível superior, a forma *velhaco* foi realizada com

maior frequência nos dois níveis, demonstrando um caráter mais homogênio no fator escolaridade em João Pessoa (61).

Carta Linguística 34: Variantes lexicais usadas em Fortaleza *para a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

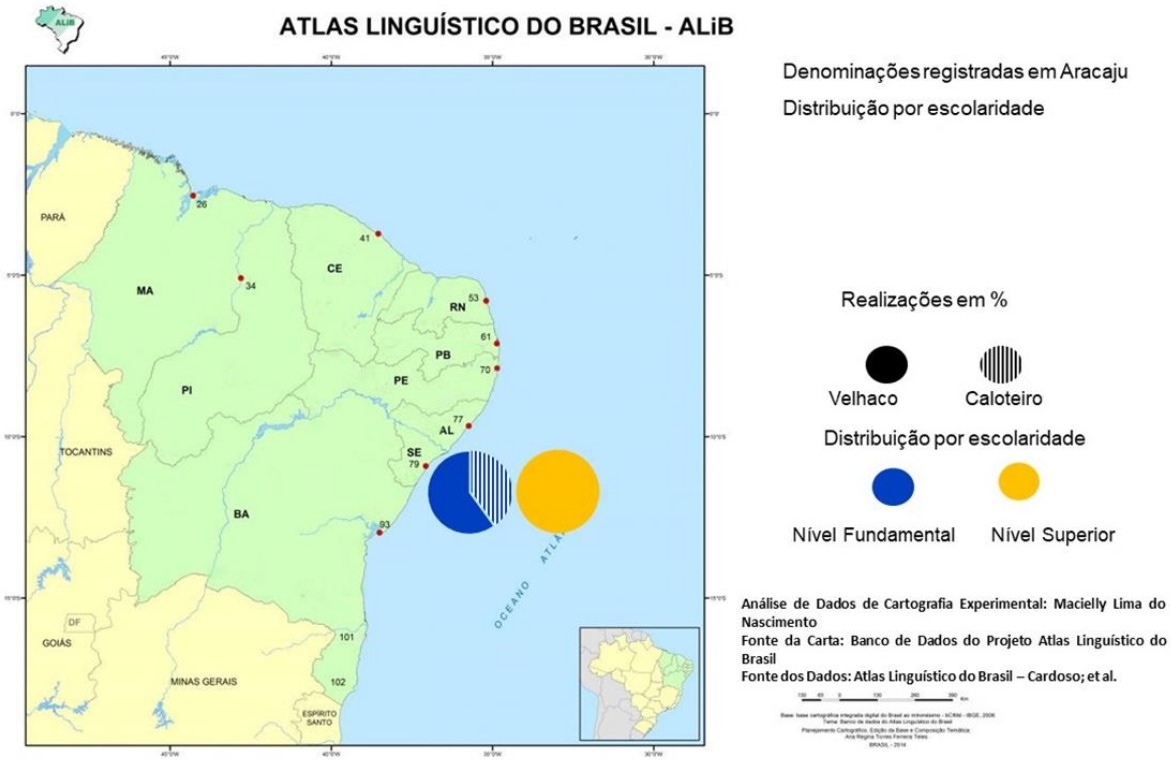
.

A **Carta Linguística 34** demonstra que em Fortaleza (41) não houve homogeneidade quanto aos usos das variantes selecionadas para a análise entre informantes com níveis de escolaridade diferentes.

Os informantes que só possuem o nível fundamental não usaram a variante *caloteiro*, fazendo registro de ocorrência apenas da lexia *velhaco*. Já entre os informantes do nível superior houve 50% de ocorrência de uso tanto da variante lexical *velhaco* quanto de *caloteiro*.

Desse modo, podemos concluir que o fator escolaridade em Fortaleza (41) foi bastante significativo uma vez que entre os informantes do nível fundamental só foi registrada a ocorrência de *velhaco.* Em contrapartida, os informantes do nível superior fizeram uso tanto da variante *caloteiro* quanto *velhaco*.

Carta Linguística 35: Variantes lexicais usadas em Aracaju para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



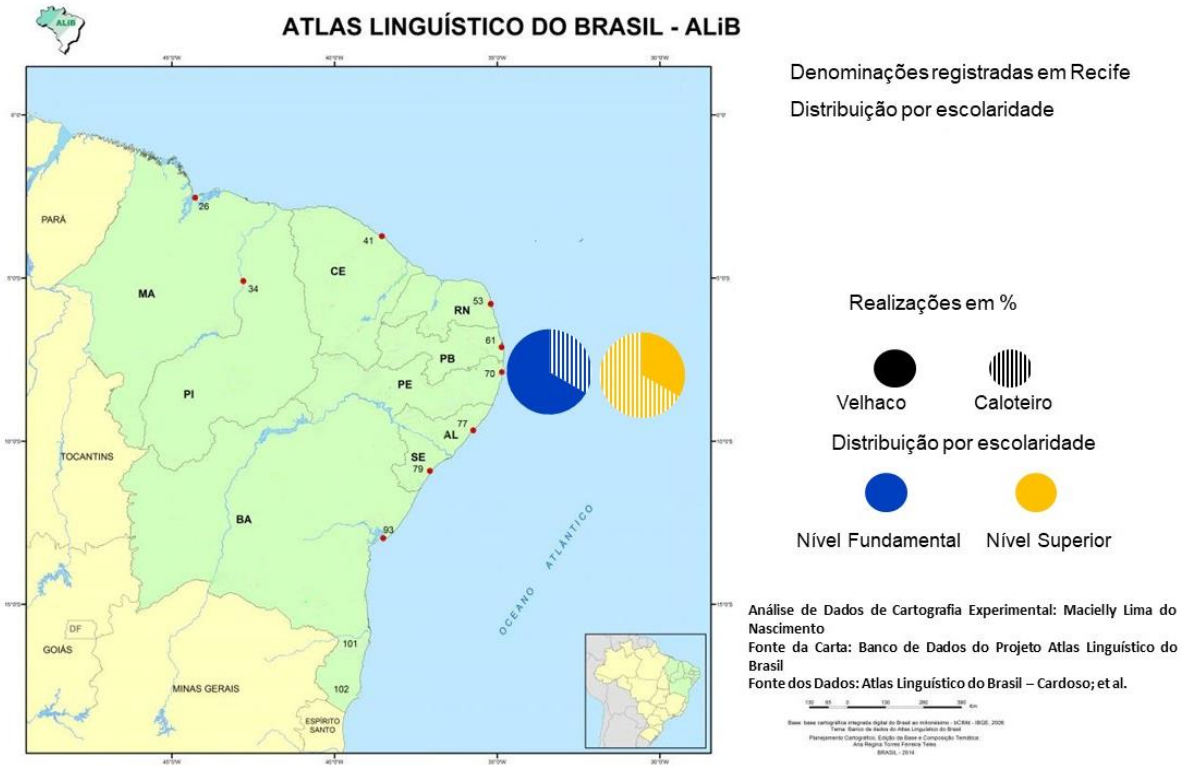
Fonte: Autora.

Os dados relativos à Aracaju (79) comprovaram a variação gerada pelo fator escolaridade no que diz respeito aos usos de *velhaco* e *caloteiro.*

Como podemos comprovar, a lexia *velhaco* alcançou um percentual de 60% de ocorrência entre os informantes de nível fundamental e a lexia *caloteiro*, 40%.

Em contrapartida, os informantes do nível de escolaridade superior usaram apenas a lexia *velhaco.*

Carta Linguística 36: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



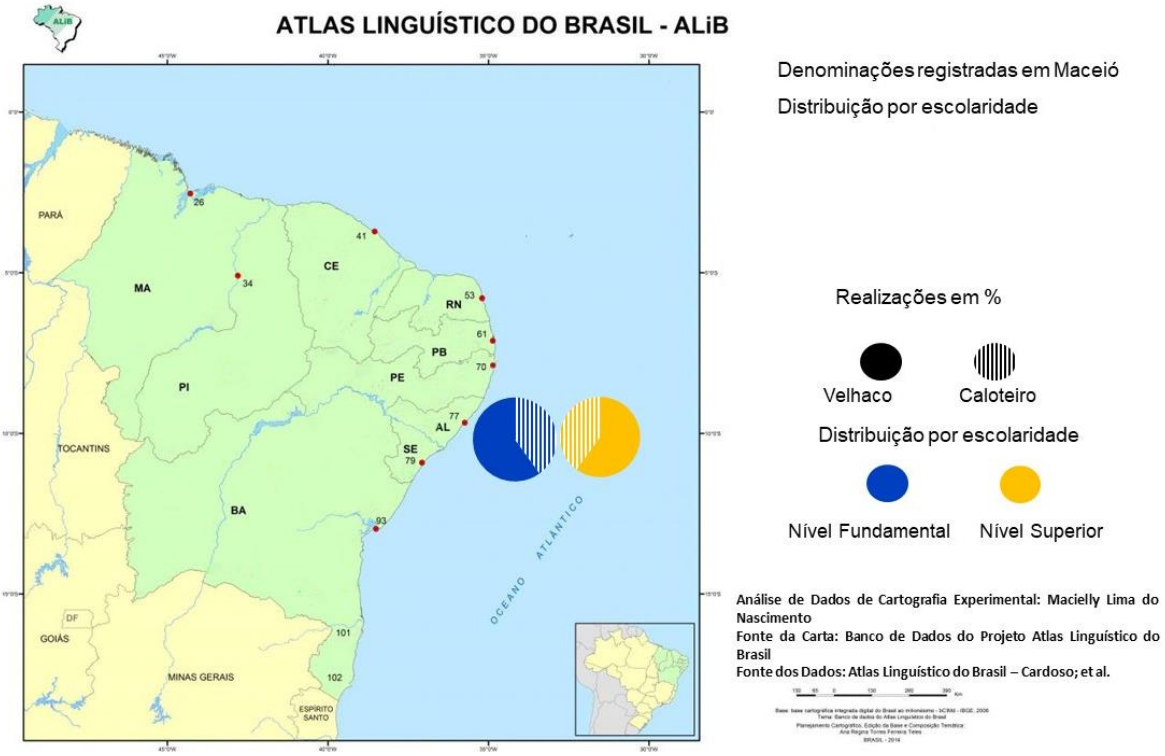
Fonte: Autora.

A **Carta Linguística 36** evidencia que 67% dos informantes com ensino fundamental realizaram a lexia *velhaco* e 33%, a lexia *caloteiro*.

Por outro lado, os informantes com ensino superior perfizeram um total de 67% de uso de *caloteiro* em relação a 33% de uso da lexia *velhaco.*

Dessa maneira, podemos considerar que o fator escolaridade se mostrou significativo no que concerne às lexias *velhaco* e *caloteiro*, visto que os informantes com ensino fundamental apresentaram predominância de uso de *velhaco* enquanto que entre os informantes do nível superior predominou o uso de *caloteiro*.

Carta Linguística 37: Variantes lexicais usadas em Maceió para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora

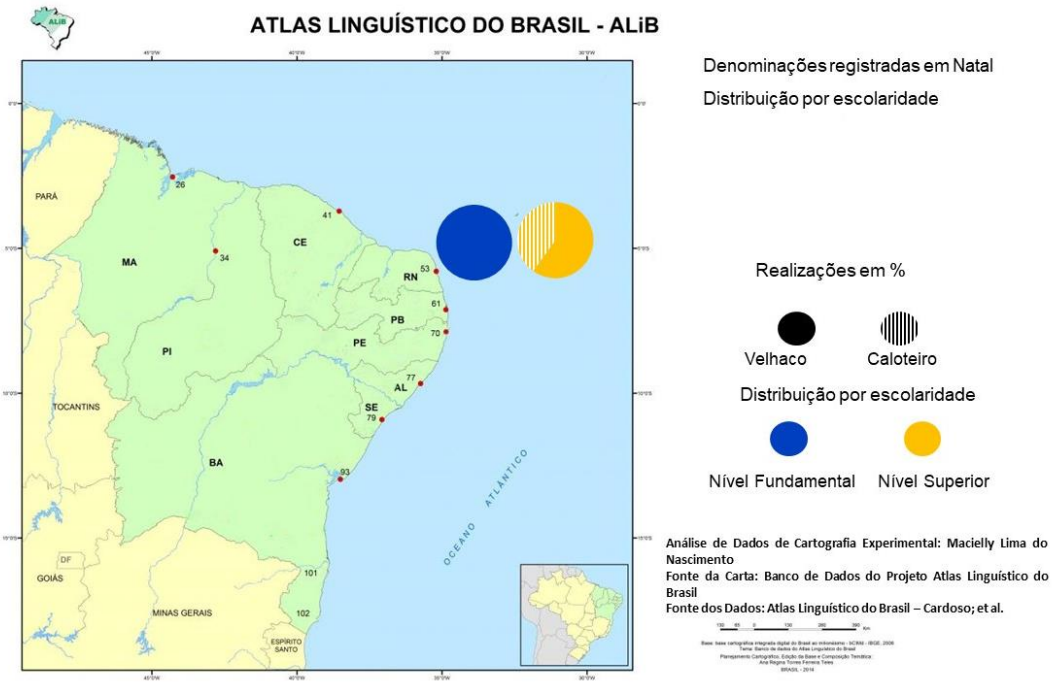
De acordo com a **Carta Linguística 37**, os informantes do nível fundamental de Maceió (77) registraram um percentual de 60% de ocorrência para o uso da lexia *velhaco.* Como podemos visualizar os informantes do nível superior apresentaram o mesmo percentual de ocorrência - 60% - para a lexia *velhaco*.

Em decorrência, os informantes do nível fundamental e os do nível superior registraram 40% de uso da lexia *caloteiro*.

Diante disso, podemos constatar que os dados obtidos em Maceió (77), referentes aos níveis fundamental e superior dos informantes, não se mostraram significativos.

Todavia, importa-nos destacar, ainda, que a capital Maceió (77) foi a que apresentou maior equilíbrio percentual dos dados referentes ao fator escolaridade.

Carta Linguística 38: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



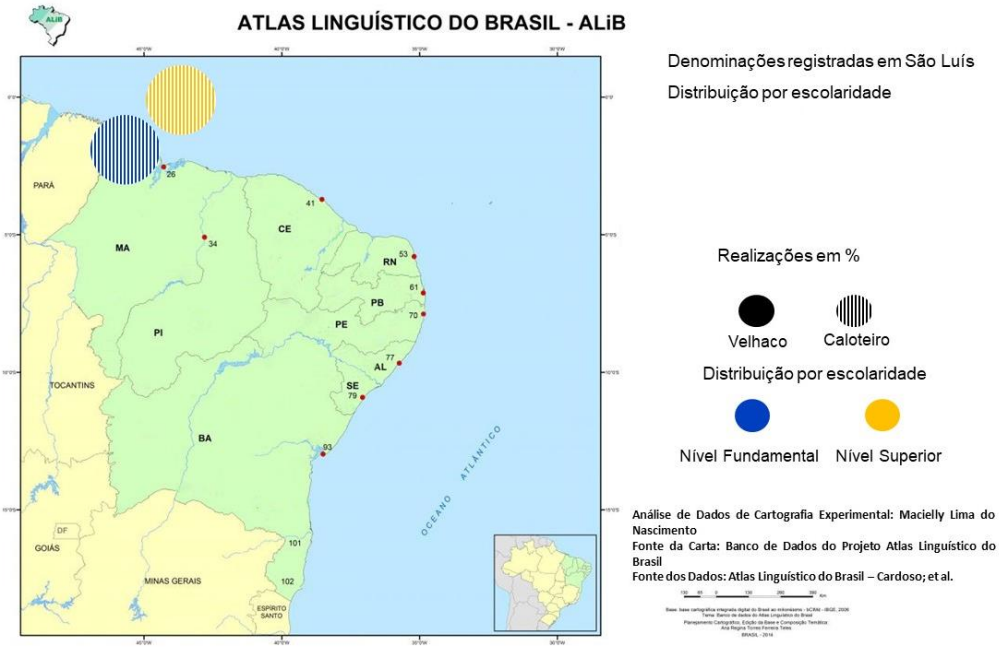
Fonte: Autora

Conforme a **Carta Linguística 38,** como citado anteriormente, do mesmo modo que em Teresina (34), João Pessoa (61) e Fortaleza (41), em Natal (53), os informantes do nível fundamental responderam apenas o item lexical *velhaco*.

Em contrapartida, entre os informantes do nível superior houve 60% de ocorrência da lexia *velhaco* e 40%, da lexia *caloteiro*.

Portanto, como podemos constatar, a variante *caloteiro* só ocorreu na fala dos informantes do nível superior, demonstrando ser uma particularidade de tal nível de escolaridade nessa localidade.

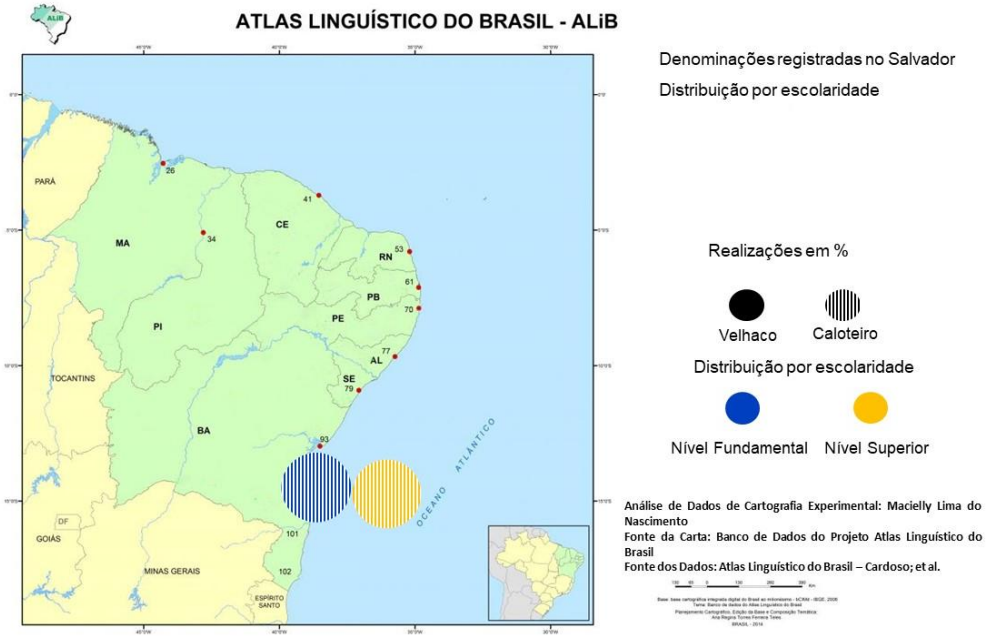
Carta Linguística 39: Variantes lexicais usadas em São Luís para a *pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

A capital de São Luís (26), que apresentou registro apenas para a lexia *caloteiro,* apresentou percentual de ocorrência desse item lexical tanto entre os informantes do nível fundamental quanto do superior, sendo que 50% dos informantes do nível superior usaram *caloteiro* e apenas 25% dos informantes do nível fundamental a usaram

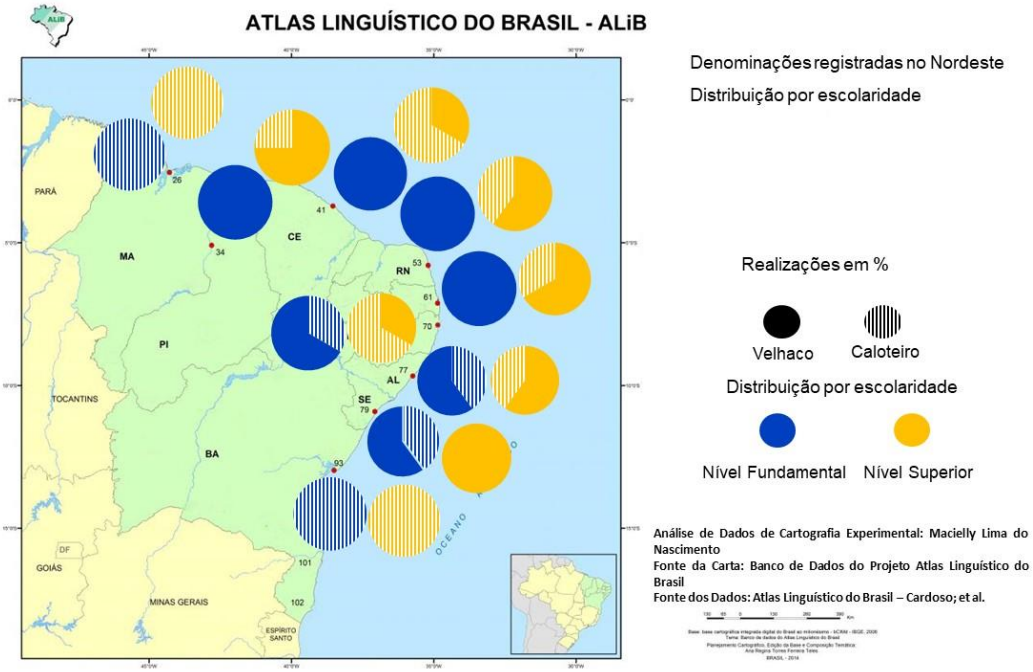
Carta Linguística 40: Variantes lexicais usadas em Salvador para *a pessoa que deixa suas contas penduradas*



Fonte: Autora.

Como podemos constatar, a capital Salvador (93), que também registrou apenas a ocorrência da lexia *caloteiro,* teve ocorrência do item lexical na fala de 100% dos informantes do nível fundamental e de 100 % dos informantes do ensino superior.

Carta Linguística 41: Distribuição por escolaridade das lexias *velhaco* e *caloteiro* na região Nordeste



Fonte: Autora.

Em síntese, no que tange ao fator escolaridade, nas capitais do Nordeste, conforme explicita a **Carta Linguística 41**, a lexia *velhaco* apareceu na fala dos informantes do nível fundamental e na dos de nível superior em 07 (sete) das 07 (sete) capitais investigadas. Porém, a variante *caloteiro* só ocorreu na fala dos informantes apenas com ensino fundamental em somente 03 (três) capitais: Aracaju (79), Maceió (77) e João Pessoa (61).

É oportuno observarmos que os informantes do ensino fundamental em 04 (quatro) das 07 (sete) localidades apresentaram índice de ocorrência apenas da variante *velhaco*, a saber: Fortaleza (41), Natal (53), João Pessoa (61), Recife (70).

As capitais Salvador (93) e São Luís (26), que apresentaram registro apenas para a lexia *caloteiro.*

Vale realçarmos que 50% dos informantes que apresentaram abstenções pertenciam ao nível fundamental. De tal modo, 50% dos informantes que se abstiveram pertenciam ao nível superior.

Pelo exposto, concluímos que o fator escolaridade foi bastante significativo, visto que os informantes com menor grau de escolaridade utilizaram predominantemente *velhaco* enquanto que os informantes com um nível mais avançado de escolaridade realizaram o uso das duas formas, sendo que, em algumas localidades, a lexia *caloteiro* foi a mais recorrente na fala dos informantes do nível superior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise feita, podemos concluir que este trabalho cumpriu o propósito de analisar, por um viés geolinguístico pluridimensional, a variação lexical para a *pessoa que deixa suas contas penduradas*, referente ao objeto de estudo da questão 139 do QSL, nas 09 (nove) capitais da região Nordeste do Brasil, a saber: Aracaju (79), Fortaleza (41), Recife (70), João Pessoa (61), Teresina (34), Natal (53) e Maceió (77), Salvador (93) e São Luís (26)

Para a análise do corpus constituído pela fala de 8 (oito) informantes homens e mulheres de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, foram produzidas 40 (quarenta) cartas linguísticas: a) 01(uma) carta linguística geral, contendo as 20 (vinte) variantes lexicais registradas nas 09 (nove) capitais nordestinas; b) 09 (nove) cartas linguísticas regionais, abrangendo as variantes encontradas em cada capital nordestina; c) e mais 30 (trinta) cartas para a análise dos fatores sociais.

A pesquisa evidenciou informações importantes no que concerne ao viés diatópico: a lexia *velhaco* foi predominantemente usada nessa região, alcançando um percentual de 35,42% de ocorrência em 07 (sete) das (09) nove capitais, enquanto a variante *caloteiro*, apesar de ter obtido um registro de uso menor, num total de 23%,96 de ocorrência, teve realização em todas as 9 (nove) capitais do Nordeste. Já *mau pagador* obteve 9,38% de ocorrência registrada em 06 (seis) das (09) nove capitais: Recife (70), Salvador (93), São Luís (26), Maceió (77), Fortaleza (41) e Natal (53).

A lexia *devedor* apresentou um percentual de 6,25% de ocorrência, sendo observada somente nas capitais Fortaleza (41), Natal (53) e João Pessoa (61). Por outro lado, a lexia *xexeiro* teve 4,17% ocorrência em Teresina e Natal. *Enrolão* também obteve 4,17% de ocorrência, sendo observada apenas em São Luís, Natal e Maceió. Tivemos ainda 3,13 % de ocorrência para *inadimplente*, a qual foi registrada em Fortaleza, João Pessoa e Aracaju. Catalogamos também variantes menos recorrentes, a saber: *brasileiro*, *vigarista, enrolado, picareta, sonegador, sexeiro, trambiqueiro, trapasseiro*, *carga torta, nó cego, pão duro, péssimo pagador e enrolador*, que apresentaram o percentual de 1,04% de ocorrência cada.

De maneira geral, foram catalogadas 20 (vinte) lexias para a *pessoa que deixa suas contas penduradas*, evidenciando que a questão 139 foi produtiva em

relação aos números de variantes lexicais obtidas, demonstrando, assim, que o nordestino possui um vocabulário diversificado e com marcas próprias de uso.

Com relação à análise do fator diagenérico, constatamos uma estabilidade lexical quanto ao uso das duas variantes mais recorrentes na região Nordeste – *velhaco* e *caloteiro* – uma vez que homens e mulheres das capitais investigadas utilizaram as formas *velhaco* e *caloteiro* com resultados quantitativamente próximos. Concernente ao fator diageracional, concluímos que a região também não demonstrou ampla divergência na fala dos informantes mais jovens ou mais experientes. E no que tange à *escolaridade*, concluímos que foi bastante significativo, visto que os informantes do nível fundamental realizaram com mais frequência a lexia *velhaco e* os informantes do nível superior, apesar de registrarem o uso de ambas as formas, tiveram a predominância da lexia *caloteiro* na fala dos informantes do nível superior em algumas localidades.

Quanto ao número de abstenções, é oportuno realçarmos que 100% dos informantes que apresentaram abstenções eram informantes pertencentes à faixa etária I, podendo constatar que os informantes mais velhos não se abstiveram. Ainda observamos que 75% dos informantes que se abstiveram, eram mulheres. Averiguamos também que 50% dos informantes que se abstiveram pertenciam ao ensino fundamental e 50 % ao ensino superior, portanto, os dois níveis apresentaram resultados equilibrados nas abstenções.

Partindo do pressuposto de que a língua apresenta marcas socioculturais decorrentes da condição em que determinada comunidade está inserida, vale ressaltarmos a importância da ampliação dos estudos geolinguísticos no Brasil para que se evidencie a variedade linguística característica da região Nordeste. De tal modo, almejamos, com esta pesquisa, oferecer contribuições no campo linguístico e social para que se tenha uma mais ampla percepção da realidade linguística e cultural da região Nordeste e, consequentemente, do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. **Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil**. Revista de Letras. Ceará, v. 30, p. 26-34, 2010/2011.

ALVAR, Manuel. **Estudios Canarios. Las Palmas, Cabildo Insular de Gran Canaria**, 1968. .p.30.

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras:** estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: parábola editorial, 2012.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Os estudos dialetais no Nordeste brasileiro**. M, [S. l.], p. 1-13, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/10/01.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. Atlas Linguístico da Paraíba. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2. BESSA, José Rogério Fontenele (coord.). **Atlas Linguístico do Ceará**. Vol.I – Introdução, Vol.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

ATLAS Linguístico do Brasil: ALIB. 1. 2018. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/variacao_lexical_nas_capitais_brasileiras_0.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo**.** As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13-22.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. In: Revista Delta: **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. Vol.17. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300003&script=sci_arttext> Acesso em: 20 mai. 2019.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade**.** São Paulo: Parábola, 2010.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**.Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CORDEIRO, Maryelle. **Língua e cultura no vale do Jequitinhonha**: o léxico rural na região de Minas Novas. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

COSTA, Geisa Borges da. **Denominações Para "Diabo" Nas Capitais Brasileiras**: um estudo Geossociolinguístico com base no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Doutorado (PGLCUL) - UFBA, Salvador, 2016.

D’ANUNCIAÇÃO, Eliana Souza. **Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais**. 2016. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 86fl.

DUBOIS, Jean. et al. 14ª ed. **Dicionário de Linguística**.São Paulo: Cultrix, 2004.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI Júnior, Celso (org.) - **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. In: CARDOSO, Suzana Alice. Dialetologia. São Paulo: Editora Contexto, 2016. 15-22.

MONTEIRO, José Lemos**. Para compreender Labov.** 2ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

MOTA, Jacira Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (org.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística:** entrelaçando saberes e vida - homenagem a Socorro Aragão/Conceição de Maria de Araújo Ramos; José de Ribamar Mendes. II. Rocha, Maria de Fátima Sopas Rocha. São Luís: EDUFMA, 2010.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RODRIGUES, Alfredo Maciel. **Breve histórico da geografia linguística**. 2007.

SEREJO, Ilana Catharine Santos. **De Zurário A Munheca de Samambaia:** a variação lexical para o conceito de avarento no ALiMA. 2016.1 f. Monografia (Letras)- UFMA, São Luís, 2016.

VELASCO, Ideval. O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó. In: RAZKY, Abdelhak. (Org.). **Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará**. Belém: Editora Grafia, 2003. p. 155-172.